

CRISTINA HENRIQUES BERNARDES CARVALHO

**DA DECADÊNCIA À REGENERAÇÃO:
JACINTO E O PERCURSO DE AUTO-DESCOBERTA
EM A *CIDADE E AS SERRAS***

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS
PORTUGUESES INTERDISCIPLINARES**

**UNIVERSIDADE ABERTA
LISBOA 2007**

**Dissertação de Mestrado
apresentada à Universidade
Aberta, para a obtenção do
grau de Mestre em Estudos
Portugueses
Interdisciplinares.**

CRISTINA HENRIQUES BERNARDES CARVALHO

**DA DECADÊNCIA À REGENERAÇÃO:
JACINTO E O PERCURSO DE AUTO-DESCOBERTA
EM A *CIDADE E AS SERRAS***

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS
PORTUGUESES INTERDISCIPLINARES**

**ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA
ANA NASCIMENTO PIEDADE**

**UNIVERSIDADE ABERTA
LISBOA 2007**

ÍNDICE

Ilustração	p. 2
A relevância do bocejo – uma incursão	p. 3
Introdução	p. 5
Capítulo I – Eça de Queiroz e a problemática <i>fin-de-siècle</i>	p. 11
Capítulo II – Da cidade para as serras	
A – Antecedentes na obra queirosiana de <i>A Cidade as Serras</i>	p. 19
B – Afinidades entre “Um dia de Chuva”, “Civilização” e <i>A Cidade e As Serras</i>	p.42
Capítulo III – <i>A Cidade e As Serras</i>: a relevância do bocejo como exteriorização do tédio	p. 56
Conclusão: A evolução de Jacinto e o equilíbrio encontrado	p. 87
Apêndice	p. 93
Bibliografia	p. 97



«Melancolia» de Albert Durer

“Eu penso que o riso acabou - porque a humanidade entristeceu. E entristeceu - por causa da sua imensa civilização. (...) Quanto mais uma sociedade é culta - mais a sua face é triste. (...) O Infeliz está votado ao bocejar infinito. E tem por única consolação que os jornais lhe chamem e que ele se chame a si próprio - O Grande Civilizado.”

Eça de Queiroz, “A Decadência do riso”, in *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2000, pp.165-166.

A relevância do bocejo – Uma incursão

Por uma empatia muito especial; percorri viagens nos romances e contos de Eça de Queiroz, não só em busca de prazer, mas principalmente em busca de algo que me despertasse uma curiosidade muito especial.

Desta maneira, iniciei uma longa caminhada sempre na companhia de personagens marcantes da obra queirosiana.

Naveguei com Teodorico até à cidade Santa, Jerusalém, em busca de *A Relíquia* para a sua querida Titi. Enjoei nos paquetes com Teodoro até à China em *O Mandarim*. Emocionei-me com os amores trágicos que envolveram o Padre Amaro e Amélia em *O Crime do Padre Amaro*, Luísa e Basílio em *O Primo Basílio*, Carlos Eduardo e Maria Eduarda em *Os Maias*, Vítor e Genoveva em *A Tragédia da Rua das Flores*. Visitei *A Capital* com

Artur. Entediei-me na cidade de Paris, percorri as serras de Tormes e redescobri o riso com Jacinto em *A Cidade e As Serras*. Descobri a Torre de Gonçalo em *A Ilustre Casa de Ramires*. Sonhei e viajei em *Os Contos*, e por fim, descansei em “Um dia de chuva”.

Com estas leituras, o meu apreço pela escrita deste autor do século XIX cresceu e foi assim que a minha peregrinação à descoberta de uma simples palavra como o “bocejo” se iniciou.

No *Grande Dicionário de Língua Portuguesa* encontramos o seguinte significado para a palavra “bocejo”: “abrir a boca involuntariamente como sucede ao que tem sono, tédio ou aborrecimento, ou está muito farto de comida”¹; é uma necessidade fisiológica como outra qualquer, mas é principalmente, um acto inteligente² de libertar as tensões associadas à fome, à sede, à doença, ao sono e ao que mais nos interessa, ao mal-estar inerente ao tédio e ao aborrecimento. Na verdade, o acto de bocejar pode parecer irrelevante aos olhos de muitos, todavia através de uma reflexão mais profunda, descobre-se que é analisando “quem boceja”, “como se boceja” e “o porquê do bocejo” que se percebe a facilidade como Eça trabalha a escrita, construindo de forma subtil um ambiente, uma atmosfera, uma imagem: o retrato de uma sociedade.

O levantamento do substantivo “bocejo” e dos seus derivados, tais como o verbo bocejar nas suas diversas formas, serve então de embrião para este trabalho.

¹ *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*, Tomo II, p. 366.

² “E deve o leitor ter notado que são os animais mais inteligentes os que bocejam. Boceja o homem, boceja o macaco, o cão, bocejam os carnívoros de um modo geral.”- Cruz Malpique, *Psicologia do Tédio – Ensaio*, Porto, Livraria Ofir, 1963, p. 133.

Introdução

Ao principiar um trabalho deste género, o problema inicial que se encontra é o da escolha do tema da dissertação. Muitas dúvidas surgiram perante a vastidão de assuntos interessantes para desenvolver numa tese de mestrado na área da Literatura Portuguesa.

Tendo em conta, não só as minhas aptidões, como também os meus gostos e interesses pessoais, avaliei a possibilidade de investigar e de aprofundar os meus conhecimentos sobre um autor, que desde sempre despertou na Literatura Portuguesa, variados interesses e controversas paixões.

Eça de Queiroz é desde muito cedo um autor que me seduziu não só

pelo modo como modela as suas personagens, mas também, pelo modo como imperceptivelmente envolve os leitores nos enredos das suas obras e na sua escrita. Uma vez subtil, outras vezes mais intensa, alternada entre o humor e a ironia, a leitura dos textos de Eça de Queiroz, proporciona deliciosos momentos de prazer a qualquer leitor.

Claramente inserido na substância cultural da sua época, Eça estabelece uma íntima relação com o século XIX, que se reflecte nas suas atitudes de pensamento e de sensibilidade. Aliás, essa harmonia com o tempo em que vive, em que dá especial atenção ao pensar e ao acontecer da sociedade contemporânea, permite-lhe ter uma aguda consciência da história. É um escritor com um espírito atento ao fluir e refluir do devir histórico, e é aqui que se revela o espírito deste grande autor que sem ser historiador, se mostra muito atento à evolução da sua época.

Foi, sem dúvida, um visionário no século XIX. Eça de Queiroz apercebeu-se das grandes problemáticas e modificações da sociedade que iriam influenciar os séculos vindouros. Actualmente, é comum ouvirem-se expressões que se referem à sociedade como “massa”, o que permite entender uma população como algo indiscriminado que pensa e que age da mesma maneira uniforme e sem criatividade; correndo-se o risco de uma despersonalização civilizacional e de uma perda de autenticidade da mesma. O problema da massificação é um problema muito actual no século XXI, mas Eça, em obras como *A Cidade e As Serras* ou ainda em *Os Maias*, refere-se subtilmente a este problema: “O sentir entediado de fim de século e a proposta” para resolver os problemas da massificação “constituem factores de grande modernidade”³ neste autor.

Estando no século XXI, século em que se menospreza cada vez mais o primordial, o essencial, e se valoriza cada vez mais uma civilização,

³ Henriqueta, Gonçalves, “A Crónica e o Romance pós 1888: Interacções”, in *150 Anos com Eça de Queirós – III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses /Universidade de São Paulo, 1997, p. 234.

aparentemente, mais “civilizada”, aparece-nos *A Cidade e As Serras*⁴ como antevisão de uma realidade muito actual.

A sociedade moderna tem preguiça de pensar. O mundo evolui rapidamente, a cada momento somos confrontados com novas tecnologias; as informações são veiculadas com velocidade e a sociedade, alienada com o progresso, que não pondera sobre as coisas, tem cada vez mais dificuldade em reflectir sobre as mesmas.

Pensar dá trabalho, exige prudência, discernimento e competência por parte do indivíduo.

Hoje em dia, numa sociedade onde se observa a total passividade da grande maioria dos nossos jovens, tanto nas escolas como na vida activa, prevalece a seguinte questão: quanto mais civilizados, mais passivos, mais comodistas, mais aborrecidos e por isso mais decadentes?

A ociosidade, o tédio, a melancolia, a abulia, o excesso de capacidade mental e intelectual sem concretização, são temas frequentes em Eça de Queiroz; as personagens Carlos da Maia e João de Ega em *Os Maias*, Jacinto e Zé Fernandes em *A Cidade e As Serras* e até Fradique Mendes e o narrador em *A Correspondência de Fradique Mendes* protagonizam e problematizam os grandes males, tipicamente *fin-de-siècle*, mas que também se revelam tão actuais no século XXI.

O embrião deste trabalho nasce da perplexidade e da curiosidade perante a modernidade de uma obra como *A Cidade e As Serras*, obra que se tornou intemporal e que se adapta a todas as épocas.

O tema da decadência da sociedade do século XIX é tema recorrente em Eça, como iremos constatar ao longo deste trabalho, e daí advém o interesse em ver como o peso da massificação se reflecte na maioria das suas obras, em observar como o tédio e o pessimismo decadentista,

⁴ A primeira edição deste romance é de 1901 pela Livraria Chardron de Lello e Irmão, um ano após a morte de Eça de Queiroz.

existentes na época, são transmitidos ao leitor de hoje.

Sendo assim, e tendo como ponto de partida o “bocejo”, característico de uma sociedade civilizada em decadência, parte-se para o tédio, para a ociosidade e para a decadência que marca uma geração – a geração de 70 – que por sua vez, marcou todo o final do século XIX.

Este grupo de intelectuais insurgiu-se contra a ausência de um esforço da renovação ideológica e sociocultural que acompanhasse os progressos materiais que beneficiavam o país. No primeiro capítulo, veremos como esta elite, a viver nas últimas décadas do século XIX, o período da Regeneração, se destacou pelo seu desejo de intervenção e de renovação da vida política, social e cultural.

Eça, colaborando para a resolução do tema da problemática decadência, apresenta a renovação, o equilíbrio, a felicidade e a ocupação que se atinge com a ajuda da natureza, não como diminuição do problema do tédio mas como contribuição para a sua solução.

Por razões metodológicas baseadas no rigor e não, na exaustividade, seleccionou-se, entre a vasta obra de Eça de Queiroz, as seguintes obras como *corpus* propriamente dito do trabalho: o romance *A Cidade e As Serras* sendo este texto, o núcleo propriamente dito do trabalho; o conto “Civilização”⁵ que constitui a génese deste romance; e o conto “Um Dia de Chuva”⁶, onde se encontram várias semelhanças temáticas com os outros dois textos, como veremos mais adiante no capítulo dois deste trabalho.

A delimitação do *corpus* do trabalho não invalida quando pertinente, o recurso a outros romances ou textos mais curtos do último Eça, tais como *Os Maias*, *A Ilustre Casa de Ramires*, “A Perfeição”⁷, “A Decadência do

⁵ Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 9, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, s. d., pp. 65-93.

⁶ Eça de Queiroz, “Um dia de Chuva” in *Cartas inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1929, pp. 93-139.

⁷ Eça de Queiroz, “A Perfeição” in *Contos*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 9, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, s. d., pp. 223-244.

Riso”⁸, uma vez que o tema escolhido tem especial relevância nesta fase.

Através de um levantamento exaustivo da palavra “bocejo”, fio condutor deste trabalho, faz-se uma comparação entre estes três textos escolhidos como *corpus*, acentuando pontos comuns, mas também discrepâncias entre eles.

Encontra-se uma diversidade de palavras associadas semanticamente que permitem observar com precisão, a dicotomia existente entre a cidade e as serras; facultando também a observação de uma série de binómios associativos que se puderam desenvolver a partir desta: decadência / renovação, ociosidade / ocupação no campo das ideias, ou ainda, em termos de elementos práticos encontrados frequentemente nos textos: cinzento / verde, águas citadinas / águas correntes.

O objecto de estudo centraliza-se então, essencialmente, em “Um Dia de Chuva”, em “Civilização” e em *A Cidade e As Serras* por serem narrativas com evidentes perspectivas dicotómicas: decadência – regeneração / ociosidade – ocupação. Em obras como *O Primo Basílio*, *O Crime do Padre Amaro*, *A Ilustre Casa de Ramires*, *Os Maias*, a decadência associada ao tédio também está presente; todavia não é tão evidente a perspectiva da regeneração, pelo menos não a da “suposta” regeneração resultante da contribuição da natureza e da auto – descoberta / experiência pessoal, tal como iremos observar nos textos em estudo.

O que parece em relação a *O Primo Basílio*, a *O Crime do Padre Amaro*, a *Os Maias* e *A Ilustre Casa de Ramires* é que o tédio se associa à decadência e depois regenera-se numa perspectiva colectiva; ao contrário do que se observa em “Um Dia de Chuva”, em “Civilização” e em *A Cidade e As Serras* onde a regeneração surge problematizada numa perspectiva

⁸ Eça de Queiroz, “A Decadência do Riso” in *Notas Contemporâneas*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol.13, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2000, pp. 162-167.

individual, em função da evolução que se vai operando num determinado trajecto existencial.

Capítulo I – Eça de Queiroz e a problemática *fin-de-siècle*

Muito em voga em alguns países da Europa na segunda metade do século XIX e marcante na sociedade e cultura oitocentista, o tema da “Decadência”⁹ não passou despercebido em Portugal.

António Machado Pires, em *A Ideia de Decadência da Geração de 70*, refere-se a esta temática como sendo “um conceito dinâmico, linear, a fase final de uma trajectória que atingiu um auge de desenvolvimento que já

⁹ Decadência: “facto, processo ou resultado de decair; estado decadente (ou) aproximação do fim, perda progressiva de poder, de esplendor, de prosperidade, de valor”, definição encontrada no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, I Vol., Lisboa, Verbo, 2001, p. 1070.

não pode manter”¹⁰; uma fase final de uma trajectória é certo, mas que implica, como afirma Sérgio de Campos Matos, uma memória de um “passado glorioso, o contraste entre um presente de deterioração, de dissolução e mediocridade e um passado de progresso em que se evidenciavam nobres virtudes”¹¹. E é exactamente este conceito de declínio e deterioração de uma cultura e de uma civilização que interessou particularmente a Eça de Queiroz.

Como resposta à artificialidade, à formalidade e aos exageros dum Romantismo de sentimentalidade mórbida, manifestou-se pela primeira vez uma geração com o intuito de renovar o clima das letras e a vida portuguesa, geração essa que desejava reagir contra o marasmo e mediocridade em que tinha caído o país: a Geração de 70.

Em *A Ideia de Decadência da Geração de 70*, António Machado Pires define esta geração como sendo “um grupo de homens, em vários momentos diversamente reunidos, para contestarem e discutirem valores culturais mais ou menos assentes”, mas que também foi “uma problemática, uma atitude mental, uma interrogação sobre a identidade nacional”, assim sendo, “falar desta geração é também abstrair dos homens e das obras e encarar uma temática comum, uma enunciação de problemas, uma definição do pensamento nacional”¹². A Geração de 70 foi um grupo de amigos intelectuais que deseja intervir profundamente na modificação da sociedade de *fin-de-siècle*, tinha como “ideal comum de tirar o seu país do obscurantismo, do atraso intelectual e das amarras da religião”¹³. Com base

¹⁰ António Machado Pires, *A Ideia de Decadência na Geração de 70*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1980, p. 17.

¹¹ Sérgio de Campos Matos, “Decadência”, in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, p. 254.

¹² António Machado Pires, *A Ideia de Decadência na Geração de 70*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1980, p. 53.

¹³ Natália Gomes Thimóteo, “Fradique Mendes e o Ideário da «Geração de 70»”, in *Congresso de Estudos Queirosianos – IV Encontro Internacional de Queirosianos – Actas*, II Volume, Coimbra, Almedina, 2000, p. 831.

na reivindicação da autonomia e da liberdade intelectual, numa fase mais madura, desenhou com maior nitidez, os contornos do que seria o Realismo em Portugal, embora este não se identificasse com os postulados do Realismo defendido pela escola francesa.

Unido a Eça pelo irremediável desencanto do *fin-de-siècle*, Oliveira Martins, observa o fenómeno literário da decadência como sendo “a expressão sintética mais eloquente do estado mental colectivo” que corresponde ao estado mental da própria geração de 70, da qual também faz parte, verificando que este estado é, no final do século XIX, o “espelho do desgosto profundo, da melancolia invencível que por toda esta Europa invadem os que raciocinam, pensam ou sentem a vida”¹⁴. Um sentimento pessimista que se difunde por toda a sociedade portuguesa e que é bem visível e notório em toda a obra de Eça, tal como afirma Sérgio de Campos Matos¹⁵, a decadência é um dos temas mais explicitados e desenvolvidos em Eça de Queiroz.

Apesar de não ter participado nos debates de ideias de 1865, Eça respirou no ambiente espiritual dessa época; numa nova manifestação em que os cidadãos podiam reflectir inteligentemente na promoção da agitação intelectual, “As Conferências Democráticas do Casino” abriram espaço a uma nova era de convulsões sociais e de debates ideológicos, “O realismo como nova expressão da arte” é o resultado dessa influência. A proposta de Eça era que a literatura se inspirasse na mesma ideia de Revolução que se impunha no domínio da ciência, da política, e da vida social.

Sob a influência do Cenáculo¹⁶ – “grupo de intelectuais que tentam preencher um vazio cultural e criar condições para um debate de ideias de

¹⁴ Oliveira Martins, “Pessimismo” in *Obras Completas – O Repórter*, Lisboa, 1957, p. 141.

¹⁵ Sérgio de Campos Matos, “Decadência”, in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, p. 254 – 261.

¹⁶ No Cenáculo, temos nomes como Antero de Quental, Eça de Queiroz, Batalha Reis, Germano Vieira de Meireles, Salomão Sáraga, Manuel de Arriaga, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro.

teor eminentemente europeizante e modernizador”¹⁷ – e da figura proeminente de Antero de Quental, Eça, depois de se consciencializar das transformações, das limitações e das fraquezas da sociedade portuguesa, ataca então, o estado das letras nacionais e propõe uma nova arte, uma arte revolucionária, uma arte que agisse como regeneradora da consciência social que pintasse o real sem floreios. Contra uma literatura enervante e empobrecedora, defendia uma pintura objectiva, analítica e rigorosa do real, a procura da verdade sem idealizações deformadoras nem indiscretas expansões de sentimento individual. A ideia de realismo para Eça, nesta conferência, “é uma base filosófica para todas as concepções do espírito, uma lei, uma carta de guia, um roteiro do pensamento humano, na eterna região artística do belo, do bom e do justo. (...) o realismo (...) é a negação da arte pela arte; é a proscrição do convencional, do enfático, e do piegas. É a abolição da retórica considerada como arte de promover a comoção usando da inchação do período, da epilepsia da palavra, da congestão dos tropos. É a análise com o fito na verdade absoluta. Por outro lado, o realismo é uma reacção contra o romantismo: o romantismo era a apoteose do sentimento; o realismo é a anatomia do carácter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade”¹⁸.

Para Eça, só uma arte que mostrasse efectivamente como era a realidade, mesmo que isso implicasse entrar em campos sórdidos, poderia fazer diagnóstico do meio social, com vista à sua cura. Assim, reagia contra o espírito da arte pela arte, visando mostrar os problemas morais e assim contribuir para aperfeiçoar a sociedade.

¹⁷ Carlos Reis, (org.), *As Conferências do Casino*, Lisboa, Publicações Alfa, 1990, p. 12.

¹⁸ Carlos Reis, (org.), *As Conferências do Casino*, Lisboa, Publicações Alfa, 1990, pp. 139-140.

Com a publicação d' *O Crime do Padre Amaro*¹⁹, observa-se a implantação efectiva do Realismo em Portugal, seguida dois anos mais tarde, d' *O Primo Basílio*²⁰; uma minuciosa observação e análise dos tipos sociais, físicos e psicológicos são a base dos métodos de narração e descrição que os caracterizam; factores como o meio, a educação e a hereditariedade aparecem então, a determinarem o carácter moral das personagens. São romances que têm afinidade com os romances de Émile Zola²¹, com o intuito de crítica de costumes e reforma social. António Machado Pires n' *A Ideia de Decadência da Geração de 70* reforça esta ideia, “o Realismo pressupõe para o criador literário a atitude do espírito científico que procede por observação dos factos e indução de leis: reflecte a preocupação *positivista* de dar a dimensão da «realidade», das «coisas», do quotidiano, do sensível, sempre com base numa observação documentada. A «matéria-prima» da obra literária é o facto verificado, é o documento humano e social estudado tal como procede a ciência no laboratório. Quando os processos se deixam de todo contaminar pelo rigor do método de observação das ciências naturais e se faz da obra literária ilustração de teses científicas, então estamos perante o *Naturalismo*”²².

A polémica e a oposição entre o Realismo e o Romantismo estalam definitivamente; Eça é apontado como o autor que introduz este movimento

¹⁹ *O Crime do Padre Amaro* foi publicado pela primeira vez em romance em 1876, todavia em 1875, entre Fevereiro e Maio, foi publicado uma primeira versão na *Revista Ocidental*, sem o consentimento de Eça que queria ainda rever e refundir as provas finais.

²⁰ A primeira edição d' *O Primo Basílio* foi publicada pela editora Chardron do Porto em 1878, tendo Eça redigido este romance aquando da sua estadia em Newcastle. Nesse mesmo ano, foi lançada a segunda edição, visto os 3000 exemplares da primeira terem esgotado rapidamente.

¹⁴ Temos por exemplo *Germinál* de Émile Zola, publicado em 1885, e que é um símbolo do romance político na literatura francesa, trata de temas sensíveis tais como a questão social – da luta entre as classes.

¹⁵ António Machado Pires, *A Ideia de Decadência na Geração de 70*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1980, p. 92.

no país, sendo o romance social, psicológico e de tese, a principal forma de expressão. O romance deixa de ser apenas distração e torna-se meio de crítica a instituições, à hipocrisia burguesa (avareza, inveja, usura), à vida urbana (tensões sociais, económicas, políticas), à religião e à sociedade, interessando-se pela análise social, pela representação da realidade circundante, do sofrimento, da corrupção e do vício. A escravatura, o racismo e a sexualidade são retratados com uma linguagem clara e directa.

Por volta de 1890, o Realismo/Naturalismo tinha perdido o seu ímpeto em Portugal. Neste final de século, o avanço da ciência abria perspectivas sobre a complexidade do universo; a luz da ciência, à medida que se erguia, revelava cada vez melhor a imensidão dos problemas e o carácter provisório dos resultados. As certezas positivistas eram abaladas pelas descobertas feitas sobretudo no domínio da física e das matemáticas. Procuravam-se respostas para as inquietações do espírito, fora da ciência. A esta despromoção da ciência vinha associar-se um desgosto da sociedade da época, pela prodigiosa transformação que advinha do progresso técnico. Os progressos não atingiam os mais desfavorecidos, servia apenas para acentuar de forma mais clamorosa, as desigualdades e injustiças sociais.

Por outro lado, a civilização moderna, uniformizadora e descaracterizadora, aparecia aos espíritos requintados como uma detestável ameaça de vulgaridade e monotonia. O excesso de cultura acumulada, despertavam o sentimento de que nada havia a dizer de original e de novo.

Este desgosto da hipercivilização, sentimento tão característico de *fin-de-siècle*:

“ [E]xpressão francesa porque a pátria original desse fenómeno foi a França, mais rigorosamente Paris, caracteriza-se por um conjunto de manifestações: quebra de preconceitos, avidez no gozo, pôr a nu os instintos, modas aberrantes que se imitam servilmente, desejo de experimentar sensações novas, nervosismo até à perversão. É uma disposição de espírito, uma atitude perante a vida, o fruto de uma sentida impotência que se

vinga em exibicionismos aberrantes, de uma consciência de abatimento que é a decadência senil de uma sociedade, como «le désespoir impuissant d'un malade chronique qui, au milieu d'ela nature exuberante et éternelle, se sent peu à peu mourir». «Fin de siècle» que (...) deveria ser chamado «Fin de race»²³

marca, como se irá observar, muitas páginas de Eça de Queiroz, na última fase da sua carreira. A Literatura reflecte a rejeição do positivismo e do cientismo; o mistério, o sobrenatural, o maravilhoso, atraem cada vez mais os espíritos da época; perante as náuseas que lhe causam o realismo, o herói “decadentista” toma uma atitude de excentricidade mórbida e adopta uma postura dândi, de narcisismo exacerbado.

Em 1893, o próprio Eça observa o declínio do realismo/naturalismo e declara-o morto em “Positivismo e Idealismo” nas *Notas Contemporâneas*: “o romance experimental, de observação positiva, todo estabelecido sobre documentos, findou (se é que jamais existiu, a não ser em teoria). (...) A simpatia, o favor, vão todos para o romance de imaginação (...)”.²⁴ Embora se limite a descrever, como puro observador, o movimento a que assiste, e o situe apenas na “geração nova”, no final do artigo, propunha como esperança para o homem futuro, uma fórmula conciliatória entre a razão e a imaginação; a verdade é que a simpatia de Eça foge irresistivelmente, para a segunda. A sua fé naturalista apresenta-se fortemente abalada:

“o positivismo científico, porém, considerou a imaginação como sua concubina comprometedora, de quemurgia separar o homem: - e apenas se apossou dele, expulsou duramente a pobre e gentil imaginação, fechou o homem num laboratório a sós com a sua esposa clara e fria, a razão. O resultado é que o homem recomeçou a aborrecer-se monumentalmente e a suspirar por aquela outra companheira tão alegre, tão inventiva, tão cheia de graça e de luminosos ímpetos,

²³ António Machado Pires, *A Ideia de Decadência na Geração de 70*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1980, p. 111.

²⁴ Eça de Queiroz, “Positivismo e Idealismo”, in *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2000, p. 188.

que de longe lhe acenava ainda, lhe apontava para os céus da poesia e da metafísica, onde ambos tinham tentado voos tão deslumbrantes. E um dia não se contém, arromba a porta do laboratório, (...) e corre aos braços da imaginação, com quem larga a vaguear de novo pelas maravilhosas regiões do sonho, do mito e do símbolo.”²⁵

De modo inegável, existe na obra de Eça de Queiroz o sentir a História, não se trata de fazer história mas sim de demonstrar com veracidade e o mais perto do real, as cenas da vida quotidiana e os hábitos das personagens. Eça desperta para a vida literária sob o signo do Romantismo, que o marcará toda a vida, se não participou nos debates de ideias contra Castilho em 1865, como já foi referido, acusou fortes influências desta mesma. Parece controverso, no entanto, convém ter sempre em mente que o Romantismo e Realismo não são correntes literárias que se sucedem rigidamente no tempo, vão-se misturando uma na outra, coexistindo numa complexidade que cabe aos intelectuais da época definirem.

Assim, Eça parece reflectir na sua obra o duplo pendor do século, que em certa medida parece corresponder a exigências íntimas da sua natureza, a literatura será uma busca incessante de beleza, mas também um relevante instrumento de intervenção de um julgamento moral sobre a vida e homens da sociedade do século XIX.

²⁵ Eça de Queiroz, “Positivismo e Idealismo”, in *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2000, pp. 193-194.

Capítulo II – Da cidade para as serras

A. Antecedentes na obra queirosiana de *A Cidade e As Serras*

O tédio, “sentimento que a par da angústia parece traduzir vazio de sentido, de razão, do valor do tempo (...) comparável, em muitos aspectos, a uma pardacenta impressão de nojo e de enfastiamento”²⁶ é um tema perene em Literatura e ocupa um lugar proeminente na obra queirosiana.

²⁶ *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 5, Lisboa/São Paulo, Verbo, s.d., p. 31.

O Realismo compraz-se em envolver as suas personagens numa capa de tédio – sentimento que os realistas não desprezaram porque faz parte da vida; a sua exploração foi uma das tarefas do Romantismo e, como tal, não merecia ser renegado por aqueles, que nas suas intenções estéticas e morais se julgavam mais argutos que os seus predecessores; lembremo-nos, por exemplo, de algumas personagens queirosianas. Jacinto em “Civilização” e em *A Cidade e As Serras* sofre pesadamente do tédio do ócio. A fartura excessiva e o acumular, de bens materiais e acessórios não permitem uma actividade mental adequada, tal como refere António Sérgio em “Notas sobre a imaginação, a fantasia e o problema psicológico-moral na obra novelística de Queirós”, acrescentando que Jacinto “não sofre de fartura (...) sofre do tédio do viver ocioso; sofre do aborrecimento da incriação mental”²⁷, por isso com diz António Sérgio, ao chegar às serras não é o espaço que regenera Jacinto mas sim a actividade física e mental. Carlos da Maia e João de Ega em *Os Maias* não fogem, nem ao acumular de bens e noções, nem à inactividade mental “passaram toda a vida na mais pura inércia, em desocupação perfeita, na plenitude do ócio, como náufragos incapazes para o verdadeiro esforço, para a verdadeira acção – que é o esforço *mental*, que é a acção *mental*”²⁸. Até Ulisses, em “A Perfeição”²⁹, sofre de tédio por viver numa ilha perfeita sem ter ocupação mental e física. Ao querer sair da ilha, Ulisses deseja poder resolver o problema das “coisas imperfeitas”.

Eça toma uma atitude pedagógica, seguindo as correntes reformistas e de índole social, problematiza questões de âmbito colectivo e observadas no quotidiano dos leitores que esperava reeducar; a crítica à

²⁷ António Sérgio, “Notas sobre a imaginação, a fantasia e o problema psicológico-moral na obra novelística de Queirós”, in *Ensaio VI*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1980, p.67.

²⁸ António Sérgio, “Notas sobre a imaginação, a fantasia e o problema psicológico-moral na obra novelística de Queirós”, p. 101.

²⁹ A palavra “bocejo” não se encontra no conto “A Perfeição”, todavia o tema do tédio é uma constante ao longo do conto, daí a sua importância para este trabalho.

sociedade serve para esta se educar, corrigindo-se e redimindo-se dos erros do passado. Eça não podia ser outro que um revolucionário que denunciava e criticava, nas suas obras, os defeitos de um Portugal decadente, na medida em que começa “a escrever quando o realismo entrava em luta com o romantismo”, pertence “a uma geração que se viu na contingência de abalar, política e intelectualmente, o velho Portugal”³⁰ como refere Lúcia Pereira em “Eça de Queirós visto através das suas cartas”, mais adiante esta autora acrescenta ainda “(...) [o] seu amor a Portugal, (...) [fazia Eça meter o país] a ridículo, denunciava-lhe sem piedade todas as fraquezas, justamente porque o amava e se revoltava não o ver como queria, respeitado e audaz”³¹.

Em “Civilização”, conto publicado na Gazeta do Rio de Janeiro entre 16 e 23 de Outubro de 1892, somente coligido em 1902 por Luís de Magalhães em *Contos*, verifica-se que o tédio faz parte integrante da vida da personagem Jacinto, como também da sociedade em geral do final do século, por isso é importante aprofundar esta temática para melhor perceber a sua essência e a relevância nas obras em estudo.

Convém desde logo ter a noção que o tédio assalta o homem essencialmente por três motivos:

- por este não ter nada que fazer ou porque quando tem o que fazer, a actividade em causa não lhe agrada
- pela monotonia dos actos rotineiros
- falta de interesse por aquilo que o rodeia

As raízes do tédio que provém quase sempre da desocupação, vão dar à ociosidade, a falta de ocupação mental ou física é então, o grande motor que faz desenvolver o tédio.

Para o entediado, nada tem sabor, tudo é insípido; a presença

³⁰ Lúcia Miguel Pereira, “Eça de Queirós visto através das suas cartas”, in *Livro do Centenário de Eça de Queirós*, Lisboa/ Rio, Edição Dois Mundos, 1945, p. 265.

³¹ Lúcia Miguel Pereira, “Eça de Queirós visto através das suas cartas”, in *Livro do Centenário de Eça de Queirós*, Lisboa/ Rio, Edição Dois Mundos, 1945, p. 269.

do tédio não implica falta de saúde física e, como exemplo, temos o caso concreto de Jacinto que, como veremos adiante mais em pormenor, num estado perfeito de saúde sofre pesadamente de fastio e de aborrecimento.

Ao iniciar a leitura do conto “Civilização” deparamo-nos logo nos dois primeiros parágrafos com o levantar do véu da problemática central do texto “ três, quatro vezes por dia, bocejava, com um bocejo, cava e lento, passando os dedos finos sob as faces, como se nelas só palpasse palidez e ruína. Porquê?”³².

A caracterização passada da personagem serve para qualificar a situação actual da mesma. A simbologia da nascença “desde o berço”, a referência à mãe de Jacinto “senhora gorda e crédula de Trás-os-Montes”, quase se confunde com a própria natureza, as indicações sobre a saúde de Jacinto “mais resistente e são que um pinheiro das dunas”, também inevitavelmente associadas à natureza, são todas associações ao estado mais puro do ser humano. Jacinto incorpora, sem dúvida, a natureza forte, robusta e feliz, por ter raízes numa progenitora não corrompida pelas influências da evolução, representando inicialmente a utopia do ser humano feliz, genuíno e puro:

“ Desde o berço, onde sua mãe, senhora gorda e crédula de Trás-os-Montes, espalhava, para reter as Fadas Benéficas, funcho e âmbar, Jacinto fora sempre mais resistente e são que um pinheiro das dunas. Um lindo rio, murmuoso e transparente, com um leito muito liso de areia muito branca, reflectindo apenas pedaços lustrosos de um céu de Verão ou ramagens sempre verdes e de bom aroma, não ofereceria, àquele que o descesse numa barca cheia de almofadas e de champanhe gelado, mais doçura e facilidades do que a vida oferecia ao meu camarada Jacinto.”³³

³² Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 9, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, s. d., pp. 67-68.

³³ Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, s. d., p. 67.

No entanto, na sequência do segundo parágrafo do conto “Civilização”, é visível que as influências exteriores do progresso vão crescendo, afastando progressivamente Jacinto do seu estágio natural. O saber que provém da civilização, aqui na sua vertente mais intelectual associado directamente ao conhecimento, opõe-se à natureza – saudável e inocente – do ser humano. Jacinto, personagem que desde o nascimento tem todas as condições para ser feliz, alimenta-se de leituras pessimistas, como podemos observar desde o início do conto “já se vinha repastando de Schopenhauer, do «Ecclesiastes», de outros pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, bocejava, com um bocejo cavo e lento”³⁴, afastando-se cada vez mais da natureza e caminhando progressivamente para a negatividade e tédio da vida. É de salientar que o bocejo é, sem sombra de dúvida, a exteriorização de alguma crise que emana da alma da personagem, podendo mesmo dizer-se que o bocejo e o tédio têm o mesmo laço inseparável que um filho e a sua mãe.

Na obra queirosiana, existem outras personagens com as mesmas características que definem Jacinto. Observemos por exemplo, Carlos da Maia, em *Os Maias*³⁵. Esta personagem tem também fortes raízes rurais que advém do seu avô paterno, Afonso, personagem conservadora e religiosa. Com a morte de Pedro da Maia, Carlos é conduzido para fora da cidade para a quinta de Santa Olávia no Douro para aí ser educado e criado.

As raízes de Afonso da Maia alimentam-se da água da quinta de Santa Olávia, símbolo da fertilidade da terra onde abundam “águas vivas, nascentes, repuxos”, a energia que retira dela é uma “viva tonificação”, que lhe permitiu “vir ao mundo sem uma dor e sem uma doença”. A quinta de Santa Olávia é, sem dúvida, um espaço natural com

³⁴ Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 9, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, s. d., pp. 67-68.

³⁵ Eça de Queiroz, *Os Maias – Episódios da vida romântica*, fixação de texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 5, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2004.

uma conotação muito positiva que simboliza um local de purificação. A água que nasce neste local é fonte de vida e providencia a regeneração do espírito. As raízes da família da Maia procuram nas águas purificadoras, novas energias. Esta é a força energética que Afonso da Maia transmite ao seu neto Carlos, que o torna um rapaz alegre, “são” e “rijo”. Mas será suficiente?

“Todavia, Afonso ainda ia longe, como ele dizia, de ser um velho borralheiro. Naquela idade, de Verão ou de Inverno, ao romper do Sol, estava de pé, saindo logo para a quinta, depois da sua boa oração da manhã que era um grande mergulho na água fria. Sempre tivera o amor supersticioso da água; e costumava dizer que nada havia melhor para o homem – que o sabor de água, som de água e vista de água. O que o prendera mais a Santa Olávia fora a sua grande riqueza de águas vivas, nascentes, repuxos, tranquilo espelhar de águas paradas, fresco murmúrio de águas regantes... E a esta viva tonificação da água atribuía ele o de ter vindo assim, desde o começo do século, sem uma dor e sem uma doença, mantendo a rica tradição de saúde da sua família, duro, resistente aos desgostos e anos – que passavam por ele, tão em vão como passavam em vão, pelos seus robles de Santa Olávia, anos e vendavais.”³⁶

De regresso à cidade³⁷ de Lisboa, ao voltar ao Ramalhete, Carlos é tal como Jacinto subjugado pela civilização e deixa-se corromper pela facilidade que os progressos da vida moderna proporcionam, vida essencialmente supérflua, fútil, que o meio lisboeta torna ainda mais vã,

³⁶ Eça de Queiroz, *Os Maias – Episódios da vida romântica*, pp. 11-12.

³⁷ Cidade – “É na *cidade* que se encontra a expressão concentrada de *vida urbana* que também decorre em aglomerados menores, enquanto a *vida rural*, se processa no *campo*, na aldeia ou na dispersão do habitat, até ao limite da desertificação. A *cidade* constitui estrutura dependente do *campo*, donde recebe bens agrários para consumo quotidiano mas oferece estímulos de troca ao proporcionar a polarização dos processos de socialização e de desenvolvimento. O *campo* pode manter-se autónomo, bastando-se a si próprio no essencial, mesmo em produtos industriais do seu artesanato.” *Polis Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*, Vol.1, Lisboa/São Paulo, Verbo, s.d., pp. 830-834.

incapaz de se equiparar a outras cidades ocidentais, tais como Paris ou Londres, identificando-se mais com a vida de uma aldeia de grande dimensão.

Finalizados os estudos, Carlos volta para Lisboa cheio de grandiosos planos para praticar medicina, todavia depressa sucumbe à inactividade; assim, e apesar das boas intenções, Carlos vê-se sem ocupação, cheio de tédio e boceja: “[o] seu gabinete, no consultório, dormia numa paz tépida entre os espessos veludos escuros, na penumbra que faziam os estores de seda verde corridos. (...) E Carlos – exactamente como o criado que, na ociosidade da antecâmara, dormitava sob o “Diário de Notícias”, acaçapado na banquetta – acendia um cigarro “Laferme”, tomava uma revista, e estendia-se no divã. A prosa, porém, dos artigos estava como embebida do tédio moroso do gabinete: bem depressa bocejava (...)”³⁸.

Carlos da Maia é, de facto, um diletante, que se interessa por inúmeras coisas tais como a medicina, a literatura, os cavalos, as armas, o que o levará à dispersão no seu comportamento, e redundará na ausência da realização de todos os seus projectos, não consegue, de modo algum fixar-se num só projecto com o objectivo de metódica e sistematicamente o concretizar e finalizar. Inactividade, incapacidade de acção útil ou diletantismo, que Eça não deixa de criticar, como veremos mais adiante em relação a Fradique Mendes. Na realidade, Carlos da Maia é influenciado por dois factores determinantes: por um lado, a hereditariedade, que transparece na sua beleza física e no seu requintado e exacerbado gosto pelo luxo, e por outro lado, o meio em que se insere, pois, apesar do seu programa educacional à inglesa e da sua cultura, que o tornará, uma personagem nitidamente superior ao contexto sociocultural que o envolve,

³⁸ Eça de Queiroz, *Os Maias – Episódios da vida romântica*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 5, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2004, p. 103.

Carlos será absorvido pela inércia e apatia em que se insere o Portugal da época.

No final desta obra, Carlos da Maia, tal como João da Ega, acabam por assumir que falharam na vida. De facto, a ociosidade crónica da sociedade portuguesa acaba por contagiar as personagens, levando-os a viver para a satisfação do prazer dos sentidos e a renunciar à actividade física e aos projectos que os dominavam, aquando da sua chegada à capital lisboeta. Carlos pode assim simbolizar em *Os Maias*, a incapacidade de regeneração de Portugal a que se propusera a própria geração de 70.

Este protagonista adopta o culto da sua imagem, numa pura atitude de dândi, valorizando naturalmente este tipo social. Encontramos um dandismo que se revela não só pelo narcisismo que se alia a um prazer exagerado pela opulência, como através de uma auto-marginalização voluntária em relação à sociedade, motivada pelo cepticismo e pela consciência do absurdo e do vazio que governa o seu mundo e o mundo daqueles que o rodeiam.

O dandismo, na sua forma exacerbada e generalizada de narcisismo, pode ser considerado um fenómeno histórico-social da época. Orlando Grossegese define o dândi da seguinte forma “O dândi representa a figura heróica que empreende a última tentativa já desesperada de criar valores autênticos que sejam eximidos do nivelamento na sociedade burguesa.” O mesmo autor acrescenta ainda que “consciente da futilidade deste objectivo, o dândi provoca sem forma subversiva, adopta impassivelmente opiniões e posições contraditórias e é, no fundo, idêntico às diversas máscaras que lhe deveriam outorgar aquela unidade e excepionalidade individual que de facto perdeu.”³⁹

O poeta Charles Baudelaire é sem dúvida, o escritor que

³⁹Orlando, Grossegese, “Dandismo” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, p. 252.

melhor define, face às sociedades burguesas da época, a atitude e postura antiutilitária e aristocrática do dândi. Este pensador valoriza em diversos poemas este tipo social; observemos como exemplo o poema “Mon coeur mis à nu”⁴⁰. Nesta recolha de pensamentos e reflexões, Baudelaire provoca o leitor, testemunhando num tom provocatório a sua paixão pelo dandismo, e valorizando este tipo social e histórico da época; “la femme est le contraire du dandy. Donc elle doit faire horreur. La femme a faim, et elle veut manger; soif, et elle veut boire. (...) la femme est naturelle, c’est-à-dire abominable. Aussi est-elle toujours vulgaire, c’est-à-dire le contraire du dandy. (...) Éternelle supériorité du Dandy. (...) Un Dandy ne fait rien. Vous figurez-vous un dandy parlant au peuple, excepté pour le bafouer.”

Em Eça de Queiroz, a personagem que melhor exemplifica o dandismo é Carlos Fradique Mendes, em *A Correspondência de Fradique Mendes*.

Nesta obra de Eça de Queiroz, Fradique é descrito com admiração pelo narrador que lança sobre ele um olhar seduzido e pormenorizado como se pode observar na seguinte citação: “[t]razia uma quinzena solta, de uma fazenda preta e macia, igual à das calças que caíam sem um vinco: o colete de linho branco fechava por botões de coral pálido: e o laço da gravata de cetim negro, dando relevo à altura espelhada dos colarinhos quebrados, oferecia a perfeição”⁴¹. A imagem que o narrador vai construindo beira o excessivo. Fradique Mendes é caracterizado como um homem maduro, esplêndido, que se destaca pelo seu visual cuidado e excêntrico. O diletantismo, exercido por esta personagem, faz dele um ser

⁴⁰Charles Baudelaire, “Mon coeur mis à nu”, in *L’Encyclopédie de l’Agora*, http://agora.qc.ca/reftext.nsf/Documents/Charles-Pierre_Baudelaire--Mon_coeur_mis_a_nu_par_Charles-Baudelaire, copiado de *Écrits Intimes*, organização Jacques Crépet e introdução Jean-Paul Sartre, Paris, Les Éditions du Point du Jour, 1946, pp. 41-79.

⁴¹Eça de Queiroz, *A Correspondência de Fradique Mendes*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 7, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 1999, p. 24.

superior; por um lado, por ser capaz de simular uma diversidade de identidades e, por outro lado, por saber beber na variedade de opiniões como “a abelha, de cada planta pacientemente extraindo o seu mel: - quero dizer, de cada opinião recolhendo essa «parcela de verdade»”, ao contrário do diletante que “corre entre as ideias e os factos como as borboletas correm entre as flores, para pousar, retomar logo o voo estouvado, encontrando nessa fugidia mutabilidade o deleite supremo”⁴².

No entanto, o diletantismo praticado por Carlos Fradique Mendes é bem diferente do que existe em *A Cidade e As Serras*, visto que não sucumbe à passividade e ao pessimismo tal como sucede a Jacinto. Fradique está sempre alegre, bem vestido, de bem com a vida, robusto e radiante, enquanto Jacinto se vai esvaziando sob o peso da civilização. O protagonista de *A Correspondência de Fradique Mendes* é descrito como um mancebo, um jovem soberbamente viril e magnífico, no entanto, entediado com a monotonia de uma existência de uma vida sem grandes realizações, ele está sempre em busca de algo novo que o despertasse para à vida plena e feliz. A busca de novidade também é excessiva e excêntrica como se pode observar quando Fradique recebe “como sempre” uma comunicação da alfândega porque “tinha lá encalhado um caixote, contendo uma múmia egípcia”⁴³.

Fradique Mendes é um dândi por excelência, erra pelo mundo em busca de aventuras, conhece diferentes culturas mas fixa-se essencialmente em Paris e Londres, visitando regularmente a pátria. No entanto Lisboa só lhe interessava enquanto paisagem já que estava marcada pela imitação francesa como ele mesmo dizia “*Lisboa é uma cidade traduzida do francês em calão*”⁴⁴. Deste modo, esta personagem demonstra de forma subtil a decadência de Portugal, há um certo saudosismo e desejo

⁴² Eça de Queiroz, *A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 69.

⁴³ Eça de Queiroz, *A Correspondência de Fradique Mendes* p. 25.

⁴⁴ Eça de Queiroz, *A Correspondência de Fradique Mendes* p. 80.

de que Portugal pudesse voltar a recuperar a originalidade da cultura portuguesa. Constatando estas mudanças ocorridas na sua querida pátria, Fradique Mendes mergulha no pessimismo perante a vida que o faz concluir que “não há nada a fazer”⁴⁵ senão deixar-se ir.

Carlos Fradique Mendes eterniza-se como o dândi perfeito até à morte; morre literalmente por não se submeter e se recusar a aceitar a uniformidade da sociedade burguesa. No episódio da troca da casaca, Fradique Mendes recusa-se a vestir a casaca do general Terran-d’Azy, não permitindo ou possibilitando uma possível troca de identidade, ficando assim gravemente doente com uma “forma raríssima de pleuris” contraída nessa noite, e tão rapidamente morre, morte que no texto se descreve com a sugestiva expressão “tinha vivido”⁴⁶.

Em *A Ilustre Casa de Ramires*⁴⁷, Gonçalo Ramires busca na tradição, associado ao Portugal rural, a energia necessária para suplantar a decadência em que se encontra a família Ramires. Neste romance, o campo adquire uma nova dimensão permitindo ao espírito de Gonçalo caminhar para a regeneração. A falta de dinheiro é o problema central da vida de Gonçalo Ramires no entanto, ao partir para África onde vai enriquecer graças ao seu trabalho na terra, consegue alcançar a sua própria regeneração e a do nome da família Ramires, tornando-se deste modo, digno dos seus antepassados.

No final desta obra, Gonçalo, de regresso à sua Torre, símbolo do passado glorioso, situada na margem esquerda do rio Douro, entre as

⁴⁵ Eça de Queiroz, *A Correspondência de Fradique Mendes* p. 94.

⁴⁶ Eça de Queiroz, *A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 95.

⁴⁷ Eça de Queiroz, *A Ilustre Casa de Ramires*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 6, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2003. Este romance começou a ser publicado, ao longo de 20 números, a 20 de Novembro de 1897, na *Revista Moderna*; Helena Cidade Moura escreve na nota final desta edição “[A] *Casa de Ramires* que levou sete anos a transformar-se em livro. *A Ilustre Casa de Ramires* teve uma longa gestação, de que ficaram marcas entre os papéis do escritor (...). Enfim uma longa elaboração, uma longa documentação, que atestam a preocupação de verdade, de perfeição da parte do escritor.” p. 364.

colinas e águas purificadoras, é comparado por Eça, a Portugal com todas as suas qualidades e defeitos.

No conto “A Perfeição”⁴⁸, a necessidade de encontrar um equilíbrio é bem visível. Ulisses, na ilha de Ogígia “numa escura e pesada tristeza”, sofre claramente de um tédio por excesso... Excesso de algo que a humanidade, ao longo dos tempos, tenta alcançar – a perfeição. Neste caso preciso, a perfeição na ilha de Calipso, equivale a uma total inactividade física e mental por parte do herói, e ao contrário do que se poderia imaginar, Ulisses quando atinge a plenitude daquilo que é perfeito sem se preocupar, e convém reforçar a ideia de preocupação (pré-ocupação) com o que deve comer ou beber, perdendo mesmo esses desejos primários, “repercorria sem curiosidade os sabidos caminhos da ilha”, aborrecendo-se de tédio por causa da “serenidade sublime” existente na ilha.

Segundo Maria Eduarda Pereira em “Condições de Ficção Literária: A Propósito de «José Matias» e «A Perfeição»”⁴⁹, Ulisses quer voltar a sentir como um homem, quer renunciar à imortalidade, quer voltar a amar, anseia pelo trabalho e pelo prazer que daí advém para poder, novamente, dar sentido à sua existência. A perfeição, existente na ilha, deixa este herói lânguido na ociosidade. A falta de ocupação do corpo e do espírito fazem-no desejar o que é incompleto e imperfeito, a alma de Ulisses “arde no desejo do que se deforma e se suja, e se espedaça, e se corrompe”⁵⁰, ansiando regressar para junto de Penélope por não suportar

⁴⁸ O conto “A Perfeição” foi publicado no primeiro número da Revista Moderna no Porto, a 15 de Maio de 1897, posteriormente incluído em 1902, por Luís de Magalhães na colectânea *Contos*.

⁴⁹ Maria Eduarda Vassalo Pereira, “Condições de Ficção Literária: A Propósito de «José Matias» e «A Perfeição»”, in *150 anos com Eça de Queiroz – III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses/Universidade de São Paulo, 1997, p. 365.

⁵⁰ Eça de Queiroz, “A Perfeição” in *Contos*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 9, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, s. d., p. 242.

mais a perfeição, Ulisses quer “(...) voltar a uma humana Penélope que [ele] mande, e console, e repreenda, e acuse, e contrarie, e ensine, e humilhe, e deslumbre, e por isso ame de um amor que constantemente se alimenta destes modos onde antes, como o lume se nutre dos ventos contrários”⁵¹.

Apesar de não bocejar em nenhuma parte do conto, percebe-se o quanto o tédio ocioso é relevante, pode assim dizer-se, que o tédio encontra-se no excesso da perfeição. O homem procura atingir a perfeição mas não a pode – e nem a deve – alcançar completamente; é uma característica específica do homem, a procura da perfeição sem a poder atingir.

A verdadeira felicidade do homem encontra-se na eterna e incessante busca de algo que não se pode alcançar e nas pequenas conquistas diárias para tentar lá chegar. Uma vez alcançado o desejado, corre-se o risco de cair numa apatia e desinteresse pela vida em si mesma, o que se verifica claramente com Ulisses. A sua felicidade depende da preocupação, que resulta das dificuldades que a vida humana lhe traz e do esforço para as vencer. Não suportando mais a “paz” e a “serenidade” do paraíso que lhe oferece a deusa Calipso, o seu mais sofrido desejo é regressar “para a delícia das coisas imperfeitas”⁵², a vida do ser humano é uma luta constante.

Pode-se então concluir que a verdadeira felicidade depende da incessante procura e desejo de alcançar a perfeição e não resulta da própria perfeição em si mesma, que torna a vida do homem monótona, triste e sem interesse. No equilíbrio entre o imperfeição da condição humana e o perfeição do sonho desejado é que reside a felicidade da vida, entre o tudo e o nada, entre a ociosidade e a ocupação.

Regressando à “Civilização”, apercebemo-nos que o narrador

⁵¹ Eça de Queiroz, “A Perfeição” in *Contos*, p. 237.

⁵² Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, p. 244.

volta ao início dando-nos uma visão mais restrita do seu amigo Jacinto, o que demonstra que os dois parágrafos iniciais funcionam como uma abertura para o resto do conto. Parte-se então para a oposição directa e clara entre:

NATUREZA	CIVILIZAÇÃO
Jasmineiro	Civilização material, ornamental, intelectual
Sol	Electricidade

Parece que, desta contraposição constante, pode existir uma harmonia se houver equilíbrio porém, para Jacinto só resulta tédio.

Em “Civilização”, Eça retrata de forma subtil e irónica, o excesso de bens materiais associada à falta de interesse e inércia, “(...) vinte e cinco mil volumes, instalados em ébano, magnificamente revestidos de marroquim escarlate. (...) E o único inconveniente deste monumental armazém do saber era que todo aquele que lá penetrava, inevitavelmente lá adormecia, por causa das poltronas, que, providas de finas pranchas móveis para sustentar o livro, o charuto, o lápis das notas, a taça de café, ofereciam ainda uma combinação oscilante e flácida de almofadas, onde o corpo encontrava logo, para mal do espírito, a doçura, a profundidade e paz estirada de um leito.”⁵³

Mais adiante, o narrador mostra que a questão inicial continua em aberto, sem resposta ao “Porquê?”, retomando assim os pressupostos dos primeiros parágrafos: “[q]uando Jacinto acabava de se enxugar laboriosamente a toalhas de felpo, de linho, de corda, entrançada (para restabelecer a circulação), de seda frouxa (para lustrar a pele) bocejava, com um bocejo cavo e lento. Era um bocejo, perpétuo e vago, que nos inquietava a nós, seus amigos e filósofos. (...) bocejava constantemente,

⁵³ Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, p. 68.

palpava na face, com os dedos finos, a palidez e as rugas”⁵⁴.

Reforçando a ideia que a fartura não traz nada mais, nada menos do que aborrecimento, desinteresse e fastio, Eça quer deixar claro que não é somente a personagem da “Civilização” que se mostra entediada e entediante mas sim, toda uma sociedade *fin-de-siècle*. O tédio transborda para fora do livro, o bocejo e o desinteresse de Jacinto tende também a repercutir-se no leitor. Para tal, Eça utiliza longas observações e descrições pormenorizadas dos ambientes que pretendem basear a ficção na realidade, isto é, na observação do ser humano e de todas as condicionantes que o rodeiam. Será então que os parágrafos iniciais deste conto defendem exactamente o que pretendiam certos naturalistas; o homem nasce naturalmente bom e a sociedade é que o corrompe, tal como pretendia Jean-Jacques Rousseau, um dos mais considerados pensadores europeus do século XVIII que defendia que a própria civilização era responsável pela origem do mal e das injustiças sociais que afligem o homem.

O terceiro capítulo de “Civilização” abre com uma viragem no comportamento de Jacinto: “[o]ra justamente depois desse Inverno, em que ele se embrenhara na moral dos negroídes e instalara a luz eléctrica entre os arvoredos do jardim, sucedeu que Jacinto teve a necessidade moral de partir para o Norte, para o seu velho solar de Torges. Jacinto não conhecia Torges, e foi com desusado tédio que ele se preparou, durante sete semanas, para essa jornada agreste”⁵⁵. Instala-se uma fase de ruptura em que Jacinto sente uma súbita necessidade de ir às terras, para Torges⁵⁶, como se interiormente existisse algo que o chamasse a regressar ao seu

⁵⁴ Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, p. 74.

⁵⁵ Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, p. 76.

⁵⁶ Torges – variante de Tormes em *A Cidade e as Serras*. A palavra Tormes “faz parte do mundo ficcional de Eça de Queiroz, mas passou rapidamente ao domínio do senso comum, como referência toponímica. (...) designa um espaço físico real que outrora era designado por Quinta de Vila Nova ou, metonimicamente, por Quinta de Santa Cruz do Douro, tal foi a popularidade do autor.” Henriqueta Maria Gonçalves, *Tormes: uma utopia rural – antologia queirosiana da região de Tormes*, introdução, organização e selecção, p. 7.

ambiente natural e de origem. O facto de instalar luz eléctrica própria da civilização, entre os arvoredos do jardim mostra que Jacinto estaria a tentar transformar a própria natureza do jardim, trazendo-lhe algo de artificial e civilizacional. “Os arvoredos do jardim” constituem um possível escape, que parecem influenciar a personagem a partir para Norte.

A própria preparação da viagem está imbuída de tédio, não existe o mínimo vestígio de entusiasmo por parte de Jacinto que “com desusado tédio” vai enfrentar esta jornada.

A preparação da viagem ajuda, através de certos símbolos, à decifração da problemática em questão. Jacinto prepara a viagem durante “sete semanas”, sabe-se que o número sete simboliza “l’achèvement cyclique et (...) son renouvellement. (...) [il] est bien universellement le symbole de la totalité, mais d’une totalité en mouvement ou d’un dynamisme total. (...) [le numéro] sept comporte cependant une anxiété par le fait qu’il indique le passage du connu à l’inconnu: un cycle s’est accompli, quel sera le suivant? (...) le sept symbolise [entre autre] l’achèvement du monde et la plénitude des temps”⁵⁷. A quinta “fica nas serras” sendo a serra uma montanha que representa “la rencontre du ciel et de la terre, demeure des Dieux et terme de l’ascension humaine” simbolizando ainda “le terme de l’évolution humaine et de la fonction psychique du surconscient, qui est précisément de conduire l’homme au sommet de son développement”⁵⁸. O narrador compara mesmo esta viagem ao Êxodo, saída dos Hebreus do Egipto para a terra de Canã, como se Jacinto partisse para a terra da salvação. Será então uma viagem iniciática? Prevê-se realmente uma ascensão da personagem, uma subida a um patamar superior. Jacinto prepara a sua viagem rodeando-se de caixas e

⁵⁷ Jean Chevalier et Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles – mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*, France, Robert Laffont, 1969, pp. 686-691.

⁵⁸ *Ibidem*, pp. 518-521.

mais caixas de civilização recheadas de “camas de penas”, “garrafeira”, “poltronas”, “divãs”, “lâmpadas”, “banheiras”, “tapetes”, “geleira”, e muitos mais acessórios. Ao perder toda os bens da civilização que preparara para levar para Tormes, anuncia-se a passagem a um novo ciclo de vida, diferente do anterior.

Em “Um Dia de Chuva”, a personagem José Ernesto também percorre um caminho árduo para entrar na Quinta de Loures: “[e]ra ao escurecer, e logo o caminho para a quinta o encantou, apesar de áspero, com os seus arvoredos pacíficos, um rumor d’agua corrente, um cheiro forte de pomares e de prados. O casarão, lá em cima, pintado d’amarello, com uma grande varanda coberta que o ligava a uma velha ruína, tinha um bello aspecto romântico; a ceia, que preparara o caseiro, rescendia...”⁵⁹

A estadia na quinta, oferece a José Ernesto, tempo para reflectir sobre o peso da cidade, acabando por se libertar desse fardo repleto de tédio. Esta reflexão é permitida pela permanência forçada dentro do casarão, provocada pelas abundantes chuvas que mantiveram esta personagem trancada neste espaço rural, oferecendo-lhe tempo de sobra para reflectir sobre a sua relação com a cidade e com o campo, acabando José Ernesto por privilegiar o segundo.

É interessante observar que existe, em diversas obras de Eça de Queiroz, uma relação muito ténue entre a reflexão / transformação e a água como meio simbólico de purificação e regeneração. Este par encontra-se em “Um dia de Chuva” como referimos, mas também em “Civilização”, logo à chegada a Torges: “a frescura das águas cantantes” e “os espertos regatos riam”⁶⁰. Em *A Cidade e As Serras*, a água estagnada da cidade opõe-se à água corrente de Tormes. Também em *A Correspondência de Fradique Mendes* a água “borbulha” e “refulgia” contribuindo para uma harmonia que

⁵⁹Eça de Queiroz, “Um Dia de Chuva” in *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1929, p. 97.

⁶⁰Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, p. 79.

faz elevar o espírito.

Durante todo o trajecto até à quinta de Torges não se encontra a palavra “bocejo” todavia o aborrecimento é sentido nas palavras “que maçada” e “enfasiadamente”. Com o avançar da viagem, percebe-se que a lenta ascensão começa a dar frutos, Jacinto e o seu amigo experimentam outros sentimentos não relacionados com o aborrecimento, “a grandeza era tanta como a graça...Dizer os vales fofos de verdura, os bosques quase sacros, os pomares cheirosos e em flor, a frescura das águas cantantes, as ermidinhas branqueando nos altos, as rochas musgosas, o ar de uma doçura de Paraíso, toda majestade e toda a lindeza – não é para mim, homem de pequena arte. Nem creio mesmo que fosse para mestre Horácio. Quem pode dizer a beleza das coisas, tão simples e inexprimível? Jacinto adiante, na égua murmurava: - Ah! que beleza! (...) Por entre estes «ahs!» maravilhados chegámos a uma avenida de faias, que nos pareceu clássica e nobre”⁶¹.

Todavia, estes sentimentos depressa se extinguem quando Jacinto se apercebe que nada do que tão demoradamente preparara, fora executado. A civilização não chegou à serra, fora impedida como que por milagre, de subir, de aceder às alturas e assim de “profanar” a natureza. Jacinto fica desolado principalmente pela ausência de bens materiais. Assim, Jacinto chegou à serra despojado de civilização exactamente como quando nasceu, iniciando-se um novo ciclo, uma nova etapa em que se anuncia a “morte” de um ciclo – a cidade – e o nascimento de outro ciclo – as serras. Apesar do sucedido, Jacinto continua melancólico, não age ou reage perante o que vem de lhe acontecer. A não acção, a abulia evidente é uma das consequências, como já foi referido anteriormente, do estado depressivo da vida rotineira da cidade, em que predomina o tédio.

A oposição ocupação/não ocupação é um dos grandes binómios

⁶¹ *Ibidem*, p. 79.

a realçar no capítulo 4, em relação ao romance *A Cidade e As Serras*. Ao contrário do que sucede com a personagem principal no conto “Civilização”, o narrador fisicamente e psicologicamente próximo, consegue reagir, é capaz de agir, não ficando numa atitude de inércia “perante o desaparecimento de civilização”.

Contrariando o que parecia ser um desastre total, a serra começa a produzir efeitos benéficos em Jacinto como refere o narrador em “Civilização”: “[v]oltando a cima, com estas consolantes novas de ceia e cama, encontrei ainda o meu Jacinto no poial da janela, embebendo-se todo da doce paz crepuscular.”⁶²

O protagonista deste conto começa a “alimentar-se” da natureza apesar de “ainda” continuar inactivo fisicamente e mentalmente. A mãe natureza, muito lentamente, oferece um sentimento apaziguador, mesmo que Jacinto ainda não tenha essa noção devido à perda dos utensílios civilizacionais. A alimentação base do seu espírito não é mais feita pelos livros, mas sim por uma noite natural iluminada pelas estrelas, sem luz artificial, absorvia os benefícios do cair da noite, que “ (...) eram para ele como iniciações. (...) E [o narrador] senti[u]-o suspirar como um homem que enfim descansa.”⁶³ Com esta frase, o narrador demonstra bem como o processo de transformação começou; a viagem para a felicidade apesar de lenta, não tem volta para trás. O bocejo é substituído por um suspiro como se Jacinto expulsasse através da respiração o aborrecimento interior.

Nas descrições seguintes, durante a ceia, observa-se movimentos muito lentos “muito tempo”, “mais lenta” marcando a conversão de Jacinto, lenta, muito lenta. Aos poucos, a melancolia de Jacinto vai-se atenuando consoante vai provando e se vai alimentando,

⁶² Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, p. 82.

⁶³ Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, p. 82.

gradualmente, dos benefícios que lhe traz a serra. A descrição que o narrador faz da cidade em oposição a Torges demonstra o verdadeiro contraste existente entre estas duas realidades:

“O Homem nas capitais pertence à sua casa, ou, se o impelem fortes tendências de sociabilidade, ao seu bairro. Tudo o isola e o separa da restante Natureza – os prédios obstrutores de seis andares, a fumaça das chaminés, o rolar moroso e grosso dos ônibus, a trama encarceradora da vida urbana... Mas que diferença, num cimo de monte, como Torges! Aí todas essas belas estrelas olham para nós de perto, rebrilhando, à maneira de olhos conscientes, umas fixamente, com sublime indiferença, outras ansiosamente, com uma luz que palpita, uma luz que chama, como se tentassem revelar os seus segredos ou compreender os nossos... E é impossível não sentir a solidariedade perfeita entre esses imensos mundos e os nossos pobres corpos. Todos são obra da mesma vontade. Todos vivem da acção dessa vontade imanente. Todos, portanto, desde Úranos até aos Jacintos, constituem modos diversos de um ser único, e através das suas transformações somam na mesma unidade.”⁶⁴

A cidade que corrompe... uns são corrompidos, outros não... todos sofrem mutações que os tornam diferentes.

Após uma ausência de três semanas, o narrador regressa a Torges. A civilização já chegou à quinta mas é uma civilização moderada, sem excessos. A natureza parece ter deixado que a civilização ocupasse um pequeno espaço desde que não influenciasse o ritmo da vida serrana. Vê-se então que Jacinto, em três semanas, sofreu uma enorme mutação, sendo mesmo comparado pelo narrador com um ser da natureza – mesmo que ainda de aspecto pouco viçoso, “imediatamente [Zé Fernandes] o compar[ou] a uma planta, meio murcha e estiolada no escuro, que fora

⁶⁴*Ibidem*, p. 84.

profusamente regada e revivera em pleno sol.”⁶⁵

A descrição de Jacinto deixa transparecer uma transformação, o próprio olhar relacionado com o aborrecimento “crepuscular” desaparecera dando lugar a um “brilho de meio-dia”. “Era uma reencarnação”⁶⁶. Esta frase elucida bem a transfiguração que sofreu Jacinto, teve a oportunidade de renascer:

CIDADE	TORGES
Evolução técnica	Natureza benéfica
Ociosidade	Actividade
Decadência	Regeneração

O irónico é que Jacinto refere-se ao amigo/narrador como sendo este “o homem das cidades”. Irónico por dois lados, inicialmente era Jacinto que era considerado como hipercivilizado. Após a sua transformação, ele refere-se ao seu amigo como sendo este, o homem “das cidades”, marcando assim uma problemática ainda maior, porque pior do que viver na cidade e sofrer os malefícios de uma só cidade, é percorrer várias cidades, sofrendo então, uma influência negativa maior por parte de todas elas. Parece que o tédio que advém de uma cidade se agrava e se acumula quando se percorre várias; quanto mais cidades se visita maior são as influências nefastas que se assimilam. Jacinto parece então, tomar consciência da sua própria redenção. Come divinamente, convive com a natureza como se esta fosse a sua melhor amiga e desdenha a literatura e civilização excessiva, “em resumo, para reaver a felicidade, é necessário regressar ao Paraíso – ficar lá, quieto, na sua folha de vinha, inteiramente desguarnecido de civilização, contemplando o anho aos saltos entre

⁶⁵ Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, p. 88.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 88.

tomilho, e sem procurar, nem com o desejo, a árvore funesta da Ciência!
Dixi [sic]!”⁶⁷.

Com o desaparecimento do tédio acontece algo de inevitável, o bocejo tão relevante na cidade, porque revelava claramente o estado de espírito do homem hipercivilizado é substituído pelo riso, “pelo dom divino de rir”. A personagem Jacinto, passiva, pessimista e entediada transforma-se numa personagem “pré-ocupada”, equilibrada e feliz:

“A chuva de Abril secara: os telhados remotos da cidade negrejavam sobre um poente de carmesim e ouro. E, através das ruas mais frescas, eu ia pensando que este nosso magnífico século XIX se assemelharia um dia àquele Jasmineiro abandonado, e que outros homens, com uma certeza mais pura do que é a Vida e a Felicidade, dariam como eu com o pé no lixo da supercivilização, e, como eu, ririam alegremente da grande ilusão que findara, inútil e coberta de ferrugem. Aquela hora, decerto, Jacinto, na varanda de Torges, sem fonógrafo e sem telefone, reentrado na simplicidade, via, sob a paz lenta da tarde, ao tremeluzir da primeira estrela, a boiada recolher entre o canto dos boiadeiros.”⁶⁸

O narrador deste conto conclui deste modo: critica uma sociedade civilizada em ruína e valoriza uma vida simples. É uma meditação sobre o progresso, em que não se deve chegar aos limites da ostentação e do luxo, na medida em que ambos se associam à ociosidade e daí à tristeza, à melancolia, e ao tédio. A utilização da civilização tem de ser moderada, Jacinto vai para as serras local onde se propicia a transformação. Não consegue abdicar de tudo o que lhe dá a civilização mas naquele meio serrano, conseguiu encontrar o equilíbrio que permite atingir a felicidade isto é a “experiência de plenitude, satisfação resultante da obtenção daquilo a que o sujeito tende ou a que aspirava. (...) [s]egundo

⁶⁷ Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, pp. 90-91.

⁶⁸ *Ibidem*, pp. 92-93.

um uso não universal mas bastante comum, a felicidade é mais espiritual do que o prazer e menos completa que a beatitude, ou felicidade plena”⁶⁹. A verdadeira transformação / regeneração encontra-se na sabedoria de encontrar o equilíbrio entre a civilização e as serras, entre a ociosidade e a ocupação.

A sua redenção não é assim total, mas é suficiente para poder voltar a ter uma vida em que a ociosidade dá lugar à ocupação, em que o bocejo é substituído pelo riso. Ana Nascimento Piedade em *Ironia e Socratismo* refere que “a perda de vontade de rir [é] directamente proporcional a um acréscimo de cultura” todavia mais adiante acrescenta que para existir o “desejado equilíbrio” tem que persistir uma “acentuada indissociabilidade entre o riso e a sapiência”⁷⁰ na medida em que a capacidade de rir permite um distanciamento e por consequência, o equilíbrio.

António José Saraiva em *As Ideias de Eça de Queiroz*⁷¹ refere que “A Decadência do Riso”, texto escrito em 1892, tudo tem a ver com o conto “Civilização”: “Alguns dos elementos do conto se mostram claramente neste texto: é o Moço supercivilizado, a sua perda do riso, o seu interminável bocejo; e em contraste, o riso franco, (...) com que Zé Fernandes o surpreende a ler, no campo, o D. Quixote; enfim o próprio título “Civilização”, sugerido pelo cognome do moço – o Grande Civilizado. É a partir deste ensaio – onde a ideia aparece já personificada e com um rudimento de enredo – que se constrói o conto”. Nesta crónica, Eça explicita já de maneira bem clara, a relação entre a ocupação e a ociosidade, entre o rir e o bocejo:

“A Meia Idade, a idade em que o homem mais bocejou

⁶⁹ “Felicidade” in *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol 2, Lisboa/São Paulo, Verbo, s.d., pp. 475-480.

⁷⁰ Ana Nascimento Piedade, *Ironia e Socratismo em A Cidade e as Serras*, Lisboa, Instituto Camões, 2002, pp. 58-59.

⁷¹ António José Saraiva, *As Ideias de Eça de Queiroz*, Amadora, Bertrand, 1982, p. 15.

(a um ponto que, na devota Bretanha, havia orações contra o bocejo) findara ou parecia findar:- e com ela findara esse irradicável desalento, tão bem simbolizado pelo velho Albert Dürer, na sua gravura da «Melancolia»⁷², naquele formoso moço de asas potentes, que, em meio de um vasto laboratório onde se acumulam todos os instrumentos das ciências e das artes, deixa pender entre as mãos a cabeça coroada de louro, e fica inerte, considerando, a *inutilidade de tudo*, enquanto um imenso morcego, por trás, se desdobra e tapa o disco do Sol. (...) Pobre moço, que, de muito trabalhar sobre o universo e sobre si próprio, perdeste a simplicidade e com ela o riso, queres um humilde conselho? Abandona o teu laboratório, reentra na Natureza, não te compliques com tantas máquinas, não te subtilizes em tantas análises, vive uma boa vida de pai pródigo que amanha a terra, e reconquistarás, com a saúde e com a liberdade, o dom augusto de rir.”⁷³

B. Afinidades entre “Um Dia de Chuva”, “Civilização” e *A Cidade e As Serras*

Embora se encontrem diversas obras de Eça de Queiroz, tais como *Os Maias* (1888), *A Ilustre Casa de Ramires* (1894) ou o conto “A Perfeição” (1897), que tenham várias afinidades com o romance *A Cidade e As Serras* como poderemos verificar mais adiante, no capítulo 3, existem dois textos aos quais temos que dar particular relevância: o conto “Civilização” (1892) e o conto “Um Dia de Chuva” (1929)⁷⁴.

⁷² Cf. ilustração no início do trabalho.

⁷³ Eça de Queiroz, “A Decadência do Riso”, in *Notas Contemporâneas*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 13, Lisboa, Edição “Livros do Brasil, 2000, pp. 162-166. “A Decadência do Riso” foi coligida por Luís de Magalhães nas *Notas Contemporâneas* em 1909, tendo sido publicado inicialmente em 8 de Fevereiro de 1892 na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

⁷⁴ Segundo António de Campos Matos, este conto apesar de ser póstumo, pode ser coetâneo do conto “O Moinho” de 1880.

Tanto no romance em estudo como nestes dois contos, a trajetória cidade / serra está repleta de importantes elementos semelhantes, apesar da existência de pequenas, mas não menos relevantes, variações.

Comparando mais atentamente o conto “Civilização” com *A Cidade e as Serras*, constata-se que as diferenças entre os dois textos prevalecem sobre as semelhanças.

Ambos os protagonistas têm o mesmo nome e vivem, os dois, em cidades capitais. No entanto, Jacinto em “Civilização” vive na cidade de Lisboa “[n]esse palácio (floridamente chamado Jasmineiro) que o seu pai, também Jacinto, construíra sobre uma honesta casa do século XVII”⁷⁵, enquanto que Jacinto, em *A Cidade e as Serras*, vive na cidade cosmopolita por excelência – Paris, no “palacete” situado no número 202 da Avenida dos Campos Elísios.

Apesar de viverem os dois em cidades capitais, Paris em *A Cidade e As Serras* adquire mais significado do que Lisboa em “Civilização”; visto que Paris é o espaço cosmopolita por excelência, centro cultural da Europa e, conseqüentemente, um dos maiores centros culturais do mundo como se pode observar na citação seguinte:

“(…) era com delícia que se vestia, se perfumava, se floria, se enterrava na vitória ou saltava para a almofada do faetonte, e corria ao Bosque, e saudava a barba talmúdica do Efraim, e os bandós furiosamente negros de Verghane, e o psicólogo de fiacre, e a condessa de Trèves na sua nova caleche de oito molas fornecida pelas operações conjuntas da Bolsa e da Alcova. Depois arrebanhava amigos para jantares de surpresa no Voisin ou no Bignon, onde desdobrava o guardanapo com impaciência de uma alegre, vigiando fervorosamente que os Bordéus estivessem bem aquecidos e os Champagnes bem granitados. E no teatro das Nouveautés, no Palais Royal, nos Buffos,

⁷⁵ Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 9, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, s. d., p. 68.

ria, batendo na coxa, com encanecidas facécias de encanecidas farsas, antiquíssimos trejeitos de antiquíssimos actores, com que já rira na sua infância, antes da guerra, sob o segundo Napoleão.”⁷⁶

Tanto no conto, como no romance, as personagens vão para as serras. O primeiro Jacinto vai para Norte, para o velho solar “onde ainda resta uma torre do século XV”⁷⁷ na quinta de Torges, o segundo vai para as altas serras de Tormes, no Douro.

Na viagem para Tormes, existe então, uma maior distância espacial mas sobretudo e principalmente, uma maior distância cultural, não tão relevante e marcante na viagem de Lisboa para Torges, visto que a cidade de Lisboa, dos finais do século XIX, compara-se a uma aldeia de grande dimensões, composta de “prédios obsoletos de seis andares” onde sobressaem “a fumaça das chaminés, o rolar moroso e grosso dos ônibus, [e] a trama encarceradora da vida urbana”⁷⁸.

Tanto no conto como no romance, Jacinto é seguidor da filosofia pessimista: “[r]epasta[-se] de Schopenhauer, do «Ecclesiastes», de outros pessimistas menores”⁷⁹ em “Civilização” e “[ê] apaixonadamente, desde o «Ecclesiastes» até Schopenhauer, todos os líricos e todos os teóricos do Pessimismo”⁸⁰ em *A Cidade e As Serras*, refutando, em ambos os casos, uma vida simples perto da natureza, perdem os dois a *joie de vivre* caindo num pessimismo abúlico.

Como sabemos, o século XIX viu aflorar uma certa ideia de decadência, o espírito de modernidade que se desenvolve a partir da progressiva urbanização das cidades e sua consequente hiper povoação e

⁷⁶ Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 8, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2000, p. 118.

⁷⁷ Eça de Queiroz, “Civilização” in *Contos*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 9, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, s. d., p. 76.

⁷⁸ “Civilização”, p. 84.

⁷⁹ “Civilização”, p. 67.

⁸⁰ *A Cidade e as Serras*, p. 230.

industrialização trouxe para grande parte da sociedade, um certo pessimismo perante a vida e o mundo. A cidade, centro de convivência, de encontros culturais, lugar onde se usufrui do gozo da civilização, tornou-se também imprópria para aqueles que já experimentaram de tudo, não encontrando novidade alguma. A monotonia das coisas desencadeia o tédio e a vida vai perdendo o sentido. O espírito de decadência começa a germinar e a influenciar a vida de certos indivíduos, cosmopolitas por excelência, como Jacinto, acostumados ao fervilhar cultural, económico e social desses grandes centros. Perante as actividades rotineiras da modernidade, surge a reflexão sobre a insatisfação com o presente, a certeza do que já foi dito, realizado e feito.

Também nos dois textos em questão, o protagonista Jacinto deixa-se acompanhar por um narrador homodiegético, que retira da sua vivência experiencial as informações sobre o protagonista: “[e]u possuo preciosamente um amigo”⁸¹ diz o narrador em “Civilização” tal como refere também O narrador no romance: “[o] meu amigo Jacinto”⁸². No entanto, existe uma diferença entre estes dois narradores, em “Civilização” o narrador é anónimo ao contrário do que sucede em *A Cidade e As Serras* com o narrador, amigo e confidente, Zé Fernandes.

Observa-se que o protagonista do conto “Civilização” não se afasta totalmente da natureza apesar de viver rodeado de diversos utensílios civilizacionais na sua biblioteca “ (...) alternadamente (...) o sol e a electricidade vertiam uma luz estudiosa e calma”⁸³, ao contrário do que acontece no romance em que a falta de luz natural é evidente, “o ar e a luz do Senhor” não conseguem passar por entre as “colinas” de “livros” e “rima de volumes (...) que trep[am] montanhosamente até aos últimos vidros”.⁸⁴

⁸¹ “Civilização”, p. 67.

⁸² *A Cidade e as Serras*, p. 11.

⁸³ “Civilização”, p. 68.

⁸⁴ *A Cidade e as Serras*, p. 30.

Também o primeiro Jacinto não renuncia por completo à religião, como se constata com a presença do bispo “de Chorazin” aquando da cena do jantar, ao contrário do que acontece em *A Cidade e As Serras*, em que Jacinto substitui a presença do bispo, pela presença do grão-duque Casimiro “possante homem, de barba em bico, já grisalha, [e] um pouco calvo”.

Já inserido nas serras o protagonista da “Civilização” aposta claramente na inacção, numa atitude contemplativa do que o rodeia, abandonando por completo, no final do conto, a civilização e todos os símbolos da vida moderna como diz o narrador: “(...) para reaver a felicidade, é necessário regressar ao Paraíso – ficar lá, quieto, na sua folha de vinha, inteiramente desguarnecido de civilização, contemplando o anho aos saltos entre o tomilho, e sem procurar, nem com o desejo, a árvore funesta da Ciência! *Dixi!*”⁸⁵. Por oposição, a personagem Jacinto em *A Cidade e As Serras*, opta pela acção, entreabrindo a porta à civilização “num perfeito e ditoso equilíbrio”⁸⁶, aproximando-se mais da natureza e perdendo um pouco da civilização.

Entre outras diferenças menores, a acção no conto “Civilização” finaliza-se em Lisboa, numa meditação do narrador sobre o progresso e sobre a escolha feita por Jacinto, no romance *A Cidade e As Serras*, a reflexão sobre a civilização é feita pelo narrador, a partir do espaço serrano quando Zé Fernandes visita Jacinto em Tormes. Zé Fernandes na sua ambiguidade, não acredita verdadeiramente na escolha feita por Jacinto, deixa em aberto a possibilidade de um retorno à cidade por parte do protagonista.

“Entre Portugal e a Europa: «Civilização» e o Saudosismo”⁸⁷

⁸⁵ “Civilização”, p. 90 e 91.

⁸⁶ *A Cidade e as Serras*, p. 230.

⁸⁷ Paulo Fernando Da Motta de Oliveira, “Entre Portugal e a Europa: «Civilização» e o Saudosismo” in *150 Anos com Eça de Queirós – III Encontro Internacional de*

de Paulo Fernando de Oliveira, verifica-se que existe uma diferença muito relevante entre o Jacinto do conto e o Jacinto do romance, apesar de ambos considerarem a modernidade e progresso como causadores da decadência e por consequência da infelicidade, o protagonista de “Civilização” refuta e nega por completo “todo o processo técnico-científico então existente” ao contrário do que sucede com a personagem do romance que não “nega o processo na sua totalidade”. A sua posição é muito menos radical do que a posição de Jacinto no conto.

Em “Civilização”, percebe-se que o protagonista para aceder à felicidade, “deve buscar a simplicidade e o rústico” outrora existente em Portugal e abandonar todo o progresso e “ilusão da supercivilização”. Em *A Cidade e As Serras*, Jacinto encontra um certo equilíbrio entre a civilização e a simplicidade rústica, de modo a usufruir de certos benefícios do progresso tais como médico, escola ou farmácia sem conspurcar as serras mas dando hipótese de estas não serem bestificadas.

Existem também importantes afinidades entre o conto “Um Dia de Chuva” e o romance *A Cidade e As Serras*; observa-se semelhanças na narrativa, na evolução dos protagonistas e nos espaços.

Em “Um Dia de Chuva”, a narrativa inicia-se depois do protagonista, José Ernesto, se ter instalado no “casarão do século XVI, deshabitado”⁸⁸, na Quinta de Loures, após ter saído da cidade de Lisboa, enquanto a narrativa de *A Cidade e As Serras* começa em Paris e move-se em direcção às serras altas na beira do Douro. Ambas as personagens chegam a casarões desmobilados e praticamente “inabitáve[is]”⁸⁹, mas com o passar do tempo, tanto José Ernesto como Jacinto começam a afeiçoar-se

Queirosianos, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses / Universidade de São Paulo, 1997, p. 681.

⁸⁸ Eça de Queiroz, “Um Dia de Chuva” in *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1929, p. 93.

⁸⁹ Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 8, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2000, p. 138.

ao local, mesmo sem as comodidades da cidade, valorizando a antiguidade dos casarões.

Após uma viagem até às respectivas quintas, o apetite destas duas personagens, aumentado pela pureza do ambiente rural, é saciado por uma alimentação mais tradicional e saudável, que serve como primeiro elemento de adaptação às serras como podemos notar nas citações seguintes:

“E aquella gostosa cozinha de província que encantaria os amigos de Lisboa quando elle os hospedasse, mais o impacientava contra a chuva teimosa que lhe permittia visitar a quinta, fazer logo uma idéa das suas vantagens e dos outros prazeres ruraes que alli o esperavam”⁹⁰.

“- Óptimo!...Ah, destas favas, sim! Oh que fava! Que delícia! E por esta santa gula louvava a serra (...) – Deste arroz com fava nem em Paris”⁹¹.

A visão da cidade é, nos dois textos, uma visão negativa em que se critica tanto os tons cinzentos associados aos prédios e ruas das cidades de Lisboa e de Paris parecidas com “pedreiras”⁹², como a falta de espaço e de liberdade dos indivíduos conforme refere o padre Ribeiro: “a gente, (...) n’aquelles cubículos, morre suffocada”⁹³, e ainda a solidão inerente à cidade, “vazia e estéril”⁹⁴, associada à desumanização dos seres “entre a indiferença e a pressa da Cidade”⁹⁵. Em *A Cidade e as Serras*, a cidade é descrita do seguinte modo: “[uma] criação antinatural onde o solo é feito de pau e feltro e alcatrão, e o carvão tapa o céu, e a gente vive acamada nos prédios como o paninho nas lojas, e a claridade vem pelos

⁹⁰ “Um Dia de Chuva”, p. 105.

⁹¹ *A Cidade e as Serras*, p. 144.

⁹² “Um Dia de Chuva”, p. 124.

⁹³ “Um Dia de Chuva”, p. 124.

⁹⁴ “Um Dia de Chuva”, p. 130.

⁹⁵ *A Cidade e as Serras*, p. 237.

canos, e as mentiras se murmuram através de arames”⁹⁶; uma ilusão para o ser humano visto que esta não ser fonte de grandeza mas sim “fonte de toda a sua miséria”⁹⁷.

É interessante analisar o papel da água no conto “Um Dia de Chuva”, na medida em que o mau tempo “uma larga (...) bâtega d’água”⁹⁸ provoca tédio e aborrecimento na personagem de José Ernesto: “[q]ue maçada”⁹⁹. Parece contraditório mas não é! A água, elemento abonatório na regeneração dos protagonistas, também pode, em excesso, ser associado ao tédio, no entanto, esta abundância de água é necessária para José Ernesto ter tempo para meditar e reflectir sobre os malefícios da cidade. As águas da cidade não são vistas sob esta perspectiva abonatória, estão “contaminadas [e] atulhadas de micróbios”¹⁰⁰ como se vê em *A Cidade e As Serras*.

Comparando os três textos de *A Cidade e As Serras*, de “Civilização” e de “Um Dia de Chuva” constata-se que existem três pontos comuns, extremamente relevantes para cada um dos textos:

1. O movimento de aproximação às serras das personagens principais provenientes da cidade, interligado ao sentimento de admiração perante a beleza da natureza. Em *A Cidade e As Serras*, Jacinto e Zé Fernandes, ao chegar à estação de comboio, ficam desolados por terem perdido todas as suas malas e o criado Grilo. A penúria em que se encontram, permite a ambos apreciar a natureza que os rodeia ao ponto de terem sentimentos de êxtase perante aquilo que até então, Jacinto chamava de imperfeição. Os excertos seguintes demonstram como o protagonista se delicia com pormenores, o roçar nos ramos, o olhar para as macieiras, o

⁹⁶ *A Cidade e as Serras*, p. 88.

⁹⁷ *A Cidade e as Serras*, p. 86.

⁹⁸ “Um Dia de Chuva”, p. 93.

⁹⁹ “Um Dia de Chuva”, pp. 99 – 104.

¹⁰⁰ *A Cidade e as Serras*, p. 34.

ouvir o riacho:

- “E não tardaram a aparecer no córrego, para nos levarem a Tormes, uma égua ruça, um jumento com albarda, um rapaz e um podengo. [...] E começamos a trepar o caminho, que não se alisara nem se desbravara [...] logo depois de atravessarmos um a trémula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos. [...] E em breve os nossos males esqueceram ante a incomparável beleza daquela serra bendita!”¹⁰¹
- “Jacinto adiante, na sua égua ruça, murmurava: - Que beleza! E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava: - Que beleza! Frescos ramos roçavam os nossos ombros com familiaridade e carinho. Por trás das sebes, carregadas de amoras, as macieiras, estendidas ofereciam as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. [...] Muito tempo um melro nos seguimento, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irmão melro! Ramos de macieira, obrigado! Aqui vimos, aqui vimos! E sempre contigo fiquemos, serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bendita entre as serras! Assim, vagarosamente e maravilhados, chegámos àquela avenida de faias.”¹⁰²
- “Vim ajoelhar sobre o outro poial, alongando os olhos consolados por céu e monte: - É uma beleza! [...] – É uma lindeza...e que paz!”¹⁰³

No conto “Civilização”, tal como no romance, Jacinto fica maravilhado perante a beleza das serras:

- “Ao pé da estação, numa quebrada da serra, havia um casal foreiro à quinta, onde alcançamos, para nos levarem e nos guiarem a Torges, uma égua lazarenta, um jumento branco, um rapaz e um podengo. E aí começamos a trepar, enfastiadamente, estes caminhos agrestes [...]. Mas passada uma trémula ponte de pau que galga um ribeiro todo quebrado por fragas [...] os nossos males esqueceram, ante a inesperada,

¹⁰¹ *A Cidade e As Serras*, p. 134 – 135.

¹⁰² *A Cidade e As Serras*, p. 136.

¹⁰³ *A Cidade e As Serras*, p. 139.

incomparável beleza daquela serra bendita. O divino artista que está nos Céus compusera, certamente, esse monte numa das suas manhãs de mais solene e bucólica inspiração. A grandeza era tanta como a graça... dizer os vales fofos de verdura, os bosques quase sacros, os pomares cheirosos e em flor, a frescura das águas cantantes, as ermidinhas branqueando nos altos, as rochas musgosas, o ar de uma doçura de Paraíso, toda a majestade e toda a lindeza – não é para mim, homem de pequena arte [...]. Jacinto adiante, na égua tarda, murmurava: - Ah! Que beleza! Eu atrás, no burro, com as pernas bambas, murmurava: - Ah! Que beleza! [...] Por entre estes «Ahs!» maravilhados chegámos a uma avenida de faias, que nos pareceu clássica e nobre.”¹⁰⁴

Em “Um Dia de Chuva”, os sentidos de José Ernesto agudizam-se. A visão dos arvoredos, o ouvir o riacho, o cheirar os pomares, fazem os encantos da personagem:

- “Era ao escurecer, e logo o caminho para a quinta o encantou, apesar de áspero, com os seus arvoredos pacíficos, um rumor d’água corrente, um cheiro forte de pomares e de prados.”¹⁰⁵

2. A presença da água na transformação e na modificação dos protagonistas nos três textos. Em *A Cidade e As Serras*, a água tem por um lado, um papel purificador; a violência e o poder das “grossas chuvas” marcam uma grande mudança, como que o fim de uma etapa. Mas por outro lado, a calma das águas, a “fontinha” a jorrar permite a continuação da vida nas serras e o saborear da paz.

- “[...] passara uma tormenta devastadora de vento, corisco e água. Com as grossas chuvas [...] um pedaço de monte, que avançava em socacos sobre o vale da Carriça, desabara, arrastando a velha igreja, uma igreja rústica do século XVI”¹⁰⁶

¹⁰⁴ “Civilização”, pp. 78 – 79.

¹⁰⁵ “Um Dia de Chuva”, p. 97.

¹⁰⁶ *A Cidade e As Serras*, p. 70

- “Este horror!... E agora com chuva! [...] Mas o comboio mergulhara na chuva e névoa. [...] Mais grossa e ruidosa a chuva fustigou as vidraças”¹⁰⁷
- “Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, de entre as patas da égua e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta beiras de veredas, jorrava em bica, beneficemente, à espera dos homens e do gado”¹⁰⁸
- “E de uma fontinha rústica, meio afogada em rosas tremedeiras, corria um longo e rutilante fio de água. – Estou com apetite desesperado daquela água! – declarou Jacinto, muito sério.”¹⁰⁹

Tal como no romance, no conto “Civilização”, a água personifica-se para dar a Jacinto a tranquilidade e a serenidade existente nas serras:

- “Os espertos regatos riam, saltando de rocha em rocha”¹¹⁰
- “Esse enegrecimento de montes e arvoredos, casais claros fundindo-se na sombra, um toque dormente de sino que vinha pelas quebradas, o cochichar das águas entre as relvas baixas – eram para ele como iniciações”¹¹¹

No conto “Um Dia de Chuva”, como já foi referido anteriormente, a água, apesar de intensa e morosa e aparentemente destrutiva, tem um papel relevante na consciencialização do protagonista. José Ernesto, não podendo fugir da quinta devido à intensa chuva, permite-se reflectir sobre os malefícios inerentes da cidade.

¹⁰⁷ *A Cidade e As Serras*, p. 124 – 125.

¹⁰⁸ *A Cidade e As Serras*, p. 135.

¹⁰⁹ *A Cidade e As Serras*, p. 140.

¹¹⁰ “Civilização”, p. 79.

¹¹¹ “Civilização”, p. 82.

- “Chovia, [...] chovia [...]. E d’um céu confuso, todo em flocos molles de nuvens pardas, descia a chuva, lenta, direita, vagarosa, repousada e como estabelecida sobre o Paço-de-Loures, assim, para toda a eternidade.”¹¹²
- “E ao mesmo tempo, ia sentindo, apesar d’aquella infelicidade da chuva, uma vaga attracção pela aldeia [...]”¹¹³
- ““a chuva tinha parado [...]. Com effeito não havia rumor de chuva benéfica. [...] E José Ernesto terminou por se estirar no canapé, pensando com tédio na sua volta a Lisboa.”¹¹⁴

3. Nos três textos em questão, é irrefutável a presença dos símbolos de abundância e de vida saudável associada à vida rural. Após ter despertado todos os sentidos, desde o olfacto através do cheiro dos pomares ou das flores, da visão através a beleza das serras, do ouvir através do som dos riachos e da chuva, do tacto através do trabalho na terra, faltava o despertar do paladar, o saborear as delicias que são criadas ao ar livre, sem os constrangimentos nefastos da civilização. Em *A Cidade e As Serras*, Jacinto delicia-se com os seus pequenos banquetes:

- “Daquela janela, aberta sobre as serras, entrevia uma outra vida [...] senti o meu amigo suspirar como quem enfim descansa.”¹¹⁵
- “Na mesa, encostada ao muro denegrido, sulcado pelo fumo das candeias, sobre uma toalha de estopa, duas velas de sebo em castiçais de lata alumiam grossos pratos de louça amarela, ladeados por colheres de estanho e garfos de ferro. Os copos, de um vidro espesso, conservavam a sombra roxa do vinho que neles

¹¹² “Um Dia de Chuva”, p. 99.

¹¹³ “Um Dia de Chuva”, p. 122.

¹¹⁴ “Um Dia de Chuva”, pp. 128 – 129.

¹¹⁵ *A Cidade e As Serras*, p. 142.

passara em fartos anos de fartas vindimas. A malga de barro, atestada de azeitonas pretas [...] Espetado na côdea de um imenso pão reluzia um imenso facalhão [...] [p]rovou o caldo, que era de galinha e rescendia. Provou [...] tornou a sorver uma colherada mais cheia, mais considerada. E sorriu, com espanto: - Está bom! Há anos que não sinto esta fome.”¹¹⁶

Em a “Civilização”, os mesmos sentimentos de satisfação são encontrados em parágrafos quase idênticos:

- “Voltando a cima, com estas consolantes novas de ceia e cama, encontrei ainda o meu Jacinto no poial da janela, embebendo-se todo da paz crepuscular, que lenta e caladamente se estabelecia sobre vale e monte. [...] Na mesa de pinho, recoberta com uma toalha de mãos, encostada à parede sórdida, uma vela de sebo, meio derretida num castiçal de latão, alumiaava dois pratos de louça amarela, ladeados por colheres de pau e garfos de ferro. Os copos, de vidro grosso e baço, conservavam o tom roxo do vinho que neles passara em fartos anos de fartas vindimas. O covilhete de barro com as azeitonas delectaria, pela sua singeleza ática, o coração de Diógenes. [...] Provou, e levantou para mim, seu companheiro e amigo, uns olhos largos que luziam, surpreendidos. Tornou a sorver uma colherada de caldo, mais cheia, mais lenta... E sorriu, murmurando com espanto: - Está bom! Estava realmente bom.”¹¹⁷

Em “Um Dia de Chuva”, os bons ares das serras voltam a dar sabor à vida de José Ernesto:

- “Depois dos ovos, appareceu um frango guisado que José Ernesto achou delicioso. E aquella gostosa cozinha de província que encantaria os amigos de Lisboa quando elle os hospedasse”¹¹⁸
- “Eu já tenho appetite... – Efeito dos bons ares”¹¹⁹

¹¹⁶ *A Cidade e As Serras*, p. 143.

¹¹⁷ “Civilização”, p. 83.

¹¹⁸ “Um Dia de Chuva”, p. 105.

¹¹⁹ “Um Dia de Chuva”, p. 118.

- “Isto é muito lindo. E o terraço é uma alegria, com a vista toda até Villa-Fria. E mesmo a quinta lá em baixo, para o rio... tudo é muito lindo. Tudo é muito lindo...”¹²⁰

¹²⁰ “Um Dia de Chuva”, p. 120.

Capítulo III – *A Cidade e As Serras*: a relevância do bocejo como exteriorização do tédio

*A Cidade e as Serras*¹²¹ é um romance composto por dezasseis capítulos que se podem dividir em duas partes iguais. Os oito primeiros estão essencialmente centrados no espaço citadino, referindo-se por excelência à metrópole e cosmopolita cidade de Paris; os restantes oito capítulos referem-se ao espaço serrano de Tormes, existindo no entanto, uma sistemática invasão de cada espaço pelo outro.

¹²¹ Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 8, Lisboa, Edição “Livros de Brasil”, 2000.

A palavra “bocejo”¹²², propriedade distintiva dos seres humanos, segundo a definição de Joel Serrão é uma “experiência especificamente humana e um dos elementos integradores daquilo a que é costume chamar-se a condição humana”¹²³, aparece dezanove vezes na primeira parte do romance visto existir uma associação directa entre o tédio e o excesso de civilização imanente da cidade.

Ao fazer a análise do levantamento exaustivo da palavra “bocejo” e dos seus derivados, podemos concluir que o acto de bocejar, em *A Cidade e as Serras*, articula-se entre a ociosidade e a decadência da civilização:

“Depois deste rito derradeiro que lhe arrancava ora um suspiro, ora um bocejo, Jacinto, estendido num divã, folheava uma agenda, onde se arrolavam, inscritas por Grilo ou por ele, as ocupações do seu dia, tão numerosas por vezes que cobriam duas laudas.”-p. 37

“Considerarei o meu Príncipe. Estirado num divã, de olhos misèrrimamente cerrados, bocejava, num bocejo imenso e mudo.”- p. 38

“ (...) o meu Príncipe emudecia, molemente engelhado no fundo das almofadas, donde só despregava a face para escancarar bocejos de fartura.” – p. 42

“Nessa fecunda semana, uma noite, recolhíamos ambos da Ópera, quando Jacinto, bocejando, me anunciou uma festa no 202.” – p. 51

“E Jacinto, num som cavo que era um bocejo e rugido: - Uma maçada! E tudo falha!”. - p. 69

“ (...) ou vagueando através da biblioteca entre os seus trinta mil volumes, com arrastados bocejos de inércia e de vacuidade.” – p. 79

“Jacinto bocejou, murmurou:- Este Zé Fernandes de Noronha

¹²² O levantamento exaustivo da palavra “bocejo” e dos seus derivados (bocejou, bocejava, bocejando, bocejos) serve de embrião para este trabalho.

¹²³ Joel Serrão, *Temas Oitocentistas II*, Lisboa, Livros Horizonte, 1980, p. 144.

e Sande!...E, no meu nome, no meu digno nome assim embrulhado num bocejo com desprendida ironia, se resumia todo o interesse daquele Príncipe pela suja tormenta em que se debatera o meu coração (...)” – p. 80

“Eram apenas expressões saciadas: um gesto de repelir com rancor a importunidade das coisas: por vezes uma imobilidade, de protesto, no fundo do divã, donde se não desenterrava, como para um repouso que desejasse eterno: depois os bocejos, os ocos bocejos com que sublinhava cada passo (...)” – p. 80

“(...) estacando, com as mãos derrotadas no fundo das algibeiras, e exprimindo, na face e na indecisão mole de um bocejo, o embaraço de viver.”- p. 83

“E um povo chora de fome, e de fome dos seus pequeninos – para que os Jacintos, em Janeiro, debiquem, bocejando, sobre os pratos de Saxe, morangos gelados em champagne e avivados de um fio éter.” – p. 89

“E murmurou, através do costumado bocejo:- O desenvolvimento supremo da Vontade.” – p. 95

“Depois, bocejando, desabotoando lentamente a sobrecasaca cinzenta (...)” – p. 96

“E agora aos trinta e três anos a sua ocupação era bocejar, correr com os dedos desalentados a face pendida para nela palpar e apetecer a caveira.” – p. 104

“Já o rei incomparável, de sapiência divina, sumo Vencedor, sumo Edificador, se enfastiava, bocejava, entre os despojos das suas conquistas (...)” – p. 104

“Jacinto desdobrava, arremessava: das revistas espreitava o sumário, logo farto: às ilustrações rasgava as folhas como dedo indiferente, bocejando por cima das gravuras.” – p. 110

“Mas da sua alcova, depois de soprar a vela, Jacinto murmurou entre um bocejo: - Zé Fernandes...” – p. 150

O bocejo encontra-se somente associado à cidade e à decadência da civilização, o que parece óbvio visto ser um sinal evidente da presença do tédio e uma consequência directa do mundo civilizado e, por efeito, o resultado directo da cidade.

Quando se entra no universo ficcional de *A Cidade e As Serras*,

é pertinente e relevante aludir ao facto deste romance se inserir numa fase totalmente distinta da fase em que se inserem obras como *Os Maias* (1888), *O Crime do Padre Amaro* (1876), *O Primo Basílio* (1878), *A Capital* (1877).

Nestes romances, existe uma preocupação por parte do autor em inquirir acerca dos hábitos e costumes da sociedade portuguesa do final do século XIX, prevalecendo uma forte crítica à vida social da época. Em 1884, no prefácio “À propos du «Mandarin» lettre qui aurait du être une preface”, publicado na *Revue Universelle Internationale* de Paris, Eça faz o prenúncio do seu afastamento do espírito realista que até aí defendera. Quando escreve *A Cidade e As Serras*, esse distanciamento já tinha acontecido, entra-se na vulgarmente designada terceira fase de Eça de Queiroz, onde encontramos outras obras como *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), entre outros escritos menores.

A Cidade e As Serras não tem cessado de intrigar diversos autores, que ao longo dos anos, têm vindo a enriquecer, com vários estudos de interpretação crítica, o universo literário deste romance. Quando se entra na ficção, aparentemente simplista de *A Cidade e As Serras*, compreende-se que em nada Eça era simples; este romance revela mais uma vez a genialidade deste autor que conseguiu forjar uma obra que ao primeiro olhar aparenta ser singela, ingénua e descomplicada mas que está repleta de simbolismos e alegorias.

Na *História da Literatura*, António José Saraiva e Óscar Lopes defendem que o romance *A Cidade e As Serras* não é mais do que “uma expressão do permanente cepticismo tecnológico, filosófico e teológico de Eça”, justificando-se assim “na parte crítica à «civilização» urbana, o desenvolvimento parisiense, redundante e dispersivo deste conto [*sic*], com uma multiplicação satírica dos tipos e episódios da alta burguesia

cosmopolita e das sucessivas ou cumulativas actividades sociais, do dandismo cultural «fradiquista» de Jacinto (ou do seu narrador Zé Fernandes); por outro lado, a bucólica portuguesa, agora situada em Tormes, apura os seus ingredientes cómicos e pitorescos, com um ou outro aspecto interessante (...) mas por entre uma notória heterogeneidade, se não incoerência: o burlesco macabro de uma atarantada arrumação de ilustres ossadas genealógicas; utopias agronómicas de Jacinto; a sua surpresa perante casos de miséria rural, logo seguida por uma utopia filantrópica (...).”¹²⁴

João Gaspar Simões em *Vida e Obra de Eça de Queiroz*, numa abordagem crítica entende que Eça fora desonesto perante o leitor visto que ele “nunca teria trocado Paris por Tormes” ¹²⁵ acrescenta ainda que “o sentimento da paz e edénica felicidade que Tormes derrama na alma de Jacinto é verdadeiro e sincero. Só não é sincero o estilo de ficção que Eça utiliza para tornar flagrante o contraste entre o tédio da civilização e os encantos da serra.”

Em *Letra e o Leitor*, Jacinto Prado Coelho, não concordando com João Gaspar Simões, argumenta que “o que podia ser uma obra profundamente irónica redundou num jogo de espírito superficial, na demonstração, diletante e mal estabelecida, duma tese reaccionária, não obstante a existência de algumas páginas vagamente polvilhadas duns restos de idealismo social – esse idealismo social que Jacinto, restituído às alegrias da acção, põe em prática fazendo uma bonita «revolução» em Tormes”¹²⁶.

Para Marie-Hélène Piwnick, esta obra não é mais do que uma acusação / crítica perante a decadência da sociedade dos finais do século

¹²⁴ Óscar Lopes e António José Saraiva, *História da Literatura Portuguesa*, 16º ed., Porto, Porto Editora, s.d., pp. 923-924.

¹²⁵ João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Livraria Bertrand, 1973, p. 664.

¹²⁶ Jacinto Prado Coelho, “A Tese de A Cidade e As Serras” in *A Letra e o Leitor*, 2ª ed., Lisboa, Moraes Editores, 1977, p. 169.

XIX: “a decadência tem em *A Cidade e As Serras* muito encanto”¹²⁷.

Maria de Lúcia Lepecki afirma que nesta obra, repleta de ambiguidade, a dicotomia cidade /campo não é em nada, uma simples valorização das tradições da sociedade portuguesa. Defende ainda que a subtilidade de Eça foi grande, exige uma maior “decifração”¹²⁸ por parte do leitor, obriga a uma “presença activa” por parte do mesmo.

Em *Eça de Queiroz e a Questão Social*, Jaime Cortesão defende que este autor acreditava na transformação da sociedade através de uma revolução individual da consciência, “a crise social é, em última análise, uma crise de consciência (...) [a] grande solução teria que realizar-se nas consciências, (...) a injustiça social só pode remir-se por meio duma transformação moral (...)”¹²⁹

E para finalizar esta pequena amostra das variedades de estudos acerca deste romance, Ana Nascimento Piedade, em *Ironia e Socratismo em A Cidade e as Serras* também defende a questão da transformação interior do protagonista; uma revolução interior que advém da “recuperação da disponibilidade interior [de Jacinto]”¹³⁰ para as coisas simples que o rodeiam.

A defesa de algumas teses ou a sua refutação demonstra claramente que esta obra que parecia então simples, é pelo contrário ambígua, complexa e aberta a múltiplas e contraditórias leituras. Aparentemente, *A Cidade e As Serras* é uma obra de puro lazer e entretenimento mas na realidade, é uma obra repleta de ambiguidades, que

¹²⁷ Marie-Hélène Piwnick, “(A) Cidade e as Serras, libelo contra o símbolo-decadentismo” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, p. 207.

¹²⁸ Maria Lúcia Lepecki, “O sentido de *A Cidade e As Serras*” in *Eça na Ambiguidade*, Fundão, “Jornal do Fundão” Editora, 1974, p. 81.

¹²⁹ Jaime Cortesão, *Eça de Queiroz e a Questão social*, Lisboa, Portugália Editora, 1970, p. 201.

¹³⁰ Ana Nascimento Piedade, *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras*, Lisboa, Instituto Camões, 2002, p. 63.

trata de problemas mais sérios e consequentemente, requer por parte do leitor uma certa finura crítica.

O primeiro entrave com que se depara o leitor, ao iniciar uma leitura mais minuciosa de *A Cidade e As Serras*, encontra-se enunciada no binómio presente no título – cidade / serras – que possui subjacentes outras dicotomias tais como decadência / regeneração, ociosidade / ocupação, ou ainda baseado no contraste de cores, cinzento / verde. É interessante constatar que o binómio cidade / serras é tema já referido noutras obras de Eça e nunca deixa de estar ligado ao bocejo ou ao acto de bocejar.

Em *O Primo Basílio*, Luísa imagina uma “existência mais regalada, n[um] convento de uma boa província portuguesa”¹³¹, um refúgio longe da cidade, para se afastar da sua vida sentimental e adúltera. A decadência da sociedade é visível através do bocejo; também aqui se boceja. Luísa, Jorge, Adelaide, a sociedade no geral boceja como se pode observar no levantamento que se segue:

“Jorge fechou o volume de Luís Figuier que estivera folheando devagar, estirado na velha Voltaire de marroquim escuro, espreguiçou-se, bocejou e disse: - Tu não te vais vestir, Luísa?” – p. 11

“(…) pelas janelas, bocejava-se, o céu tomava uma cor azulada e polida, como uma porcelana; um sino repicava a distância o fim de alguma festa de igreja; e o domingo terminava, com uma serenidade cansada e triste.” – p. 34

“Bocejou ligeiramente, fitou um momento os seus sapatos muito aguçados, e com um movimento brusco ergueu-se, tomou o chapéu.” – p. 68

“Começou então a despir-se devagar diante do espelho, olhando-se muito, gostando de se ver branca, acariciando a finura da pele, com bocejos lânguidos de um cansaço feliz.” – p. 70

¹³¹ Eça de Queiroz, *O Primo Basílio*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 2, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2000, p. 324.

“Mas de que servia viajar, enjoar nos paquetes, bocejar nos vagões, e, numa diligência muito sacudida, cabecear de sono pela serra nas madrugadas frias?” – p. 70

“Bocejava muito, sentia-se quebrada.” – p. 71

“Debaixo do véu sentia a poeira arder-lhe nos olhos; em redor dela gente bocejava.” – p. 97

“ (...) a luz tinha um tom dormente; bocejava-se.” – p. 115

“E bocejando muito; - Isto está uma pasmaceira, homem!” – p. 115

“Somente em lugar de o gritar, brandido papéis de música, murmurava-o, com bocejos enormes de leão enfasiado.” – p. 119

“O velho calvo ergueu-se logo; mas vendo o criado recolhia ao balcão bocejando, e que os dois continuavam a remexer a sua carapinhada, encostou os cotovelos à mesa, salivou para longe, e puxando o jornal deixou-lhe cair em cima um olhar desolado.” – p. 137

“Apanhou moribundamente o «Times», bocejou, pediu soda inglesa.” – p.150

“A Joana, que estivera dormitando, espreguiçava-se com bocejos enormes.” – p. 175

“No dia seguinte ao anoitecer foi a casa dela. Apareceu-lhe muito vermelha, com os olhos estremunhados, de roupão branco, tinha chegado muito cansada de fora, tinha-lhe dado o sono depois de jantar, adormecera sobre a causeuse... Que havia de novo? E bocejava.” – p. 202

“Porque era então que quase bocejavam.” – p. 225

“Luísa passou devagar as mãos sobre o resto para cobrir a alteração. Disse bocejando ligeiramente.” – p. 341

“Sentia-se bocejar por todos os pores do seu corpo. (...) E, depois de escancarar a boca, num bocejo de fera engaiolada: - Aborreço-me!” – p. 355

“Veio sentar-se ao fundo ao pé de Luísa, e ficou a olhar, vagamente cansado; havia um sussurro lento; bocejava-se discretamente (...).” – p. 389

“A sua Adelaide seguia-o, bocejando, estava cansada da constipação.” – p. 445

“A forte educação rural, (...) [n]a primitiva educação com a Natureza (...) o homem (...) [que] ganha, num corpo forte, um espírito calmo (...) *Mens san in corpore sano*”¹³², benefícios do campo contrapostos às desgraças da cidade em *O Conde d’Abranhos* onde “as cidades modernas com as suas ruas mal arejadas, (...) andares abafados,(...) veículos e fábricas, [e] alimentação insalubre, formam estas gerações pálidas, nervosas [e] agitadas”.

Em *O crime do Padre Amaro*, os bons “ares da serra”¹³³ fortificam o padre Amaro aquando da sua estadia numa aldeia da Beira; ao ler este romance também o bocejo está presente, não só associado à decadência da sociedade mas sobretudo conotado com a decadência da Igreja e da religião:

“O Cónego bocejou, e fazendo uma cruz sobre o bocejo: - Vamo-nos chegando às ave-marias, hem?” – p. 13

“Amaro abriu o seu Brevário, ajoelhou aos pés da cama, persignou-se: mas estava fatigado, vinham-lhe grandes bocejos: e então por cima, sobre o tecto, através das orações rituais que maquinalmente ia lendo, começou a sentir o tic-tac das botinas de Amélia, eo ruído das saias engomadas que ela sacudia ao despir-se.” – p. 23

“Às vezes ia conversar com a tia para a sala de jantar: as janelas estavam cerradas, na penumbra zumbia a monótona sussurração das moscas; a tia a um canto do velho canapé da palhinha fazia crochet, com a luneta encavalada na ponta do nariz: Amaro, bocejando, folheava um antigo volume do «Panorama».” – p. 37

“Pelos bancos, debaixo das árvores, vadios remendados dormitavam: em redor da praça, sem cessar, caleches de aluguel vazias rodavam vagarosamente: as claridades dos

¹³² Eça de Queiroz, *O conde d’Abranhos*, s.l., Círculo de Leitores, 1993, p. 188.

¹³³ Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 1, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, s.d., p. 45. O levantamento exaustivo da palavra bocejo e dos seus derivados foi feito na seguinte edição: Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro*, s.l., Círculo de Leitores, 1993.

cafés reluziam : e a gente encalmada, sem destino, movia, bocejando, a sua preguiça pelos passeios das ruas.” – p. 37 - 38

“Está na província agora? – perguntou ela, bocejando um pouco.” – p. 44

“Ah! Para coisas de sentimento não há outro – E bocejando enormemente: - Pois, menino, tenho tido toda a noite as lulas a conversar cá dentro.” - p. 60-61

“Ah! É você? – disse o cônego com um enorme bocejo.” – p. 120

“O vento está sul? – perguntou ele enfim, bocejando.” – p. 132

“Encontrava já as Gansosas, a D. Josefa Dias: e o cônego, que jantava agora muito com a S. Joaneira, e àquela hora, estirado na poltrona, findava a sua soneca, dizia-lhe bocejando: - Ora viva o menino bonito!” – p. 139

“Era então que se punha a andar pelas ruas até tarde: às vezes voltava ainda ver as janelas fechadas da casa dela: ia depois à alameda ao pé do rio, mas o frio ramalhar das árvores sobre a água negra entristecia-o; vinha então ao bilhar, olhava um momento os parceiros carambolando, o marcador, muito esguedelhado, que bocejava encostado ao reste.” – p. 149-150

“A cada momento a criança rabujava, ela sacudia-a nos braços: calavam-se depois; o velho arregaçavam a calça, contemplava com satisfação uma chaga na canela envolta em trapos; e o outro homem dava bocejos desconsolados que tornavam mais lúgubre a sua longa face amarela.” – p. 237

“Tentava ler; mas ao fim das dez primeiras linhas bocejava de tédio e de fadiga.” – p. 390

“Às nove horas tomava chá; e depois era um passear sem fim pelo quarto, fumando maços de cigarros, parando à janela a olhar a negrura da noite, lendo aqui e além uma notícia ou um anúncio do «Popular», e recomeçando a passear com bocejos tão cavos que a criada os ouvia na cozinha.” – p. 390

“O pároco então sentou-se, bocejou, e estirando as pernas disse: - Bem, Dionísia, vejo que a única coisa a fazer é falar à tal ama que vive ao pé da Ricoça, à Joana Carreira.” – p. 437

“Vamos ter água, senhor doutor – disse o rapaz bocejando de sono.” – p. 464

Em *A Capital*¹³⁴, nem a cidade nem o campo conseguem dar a Artur a felicidade tão desejada e procurada, o bocejo é uma constante, verificando-se no entanto, que o problema reside na própria individualidade da personagem. De todos os textos de Eça de Queiroz em estudo, é aquele em que aparece em maior número a palavra “bocejo”:

“E subiram para o corredor, o Albuquerquezinho, adiante, devagar, bocejando, puxando-se pelo corrimão.” – p. 40

“Mas Artur declarava que lhe agradavam senão pombos e pavões – e subia para casa, bocejando, enquanto a tia Sabina, magoada daquela indiferença, ficava a olhar desconsoladamente «a sua bicharada».” – p. 42

“Bocejou enormemente, e daí a pouco, ressonava com dignidade.” – p. 107

“Esteves (...) bocejou profundamente e começou no seu tom soturno: -«Dia 14 de Dezembro».” – p. 122

“E no pequeno patamar de pedra, em cima, junto ao bico de gás, fumava calado, ao pé de Melchior, com um amolecimento de todos os músculos, um vago bocejo geral.” – p. 148

“Quando se voltou, o camarote estava vazio e um sujeito de casaca, que se adiantava, sentou-se no lugar d’Ela, bocejou discretamente e ficou imóvel com a cabeça apoiada ao tabique, catando os pêlos do bigodes...” – p. 151

“Bocejou enormemente.” – p. 161

“Ensaíara-se toda a manhã, declamando cenas dos Amores do Poeta: certas frases sonoras davam-lhe a certeza dos aplausos, mas outras vezes tremia, pensando em faces desconhecidas, entreabrindo bocejos fatigados.” – p. 169

“Artur ia de grupo em grupo; sentia, aflito, uma vaga brutalidade ambiente; batia-lhe o coração cada vez que via um olhar impaciente voltar-se para o relógio, ou uma boca abrir-se devagar num bocejo de debilidade.” – p. 174

“ (...) Roma, com as pernas muito estendidas, os pés cruzados, conservava a mão sobre a boca, como para

¹³⁴ Eça de Queiroz, *A Capital*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 16, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2001.

esconder bocejos prováveis; havia queixos melancolicamente descaídos sobre as gravatas; os olhares tinham uma resignação mole.” – p. 176

“Sarrotini torcia-se na cadeira, impaciente do silêncio, da imobilidade; o alferes bocejava sem pudor (...).” – p. 180

“Ela deu um olhar rápido a Artur, outro lento, à roda do vestido, comprimiu de leve um bocejo e começou a examinar distraidamente os retratos.” – p. 212

“Então a velha senhora de enfeites negros pareceu acordar, bocejou, mastigou em seco e voltando-se para Artur (...).” – p. 216

“Artur fingiu-se estremunhado, bocejou, espreguiçou-se, disse vagamente: - O que é?” – p. 220

“Artur espreguiçou-se e disse, bocejando, que estava comprometido.” – p. 231

“Jácome então bocejou enormemente; olhou um momento o gás, o grosso manuscrito, e, com uma decisão brusca, ergueu-se e, nas pontas dos pés, saiu.” – p. 253

“Agora, bocas abriam-se em bocejos sinceros (...).” – p. 253

“Melchior (...) bocejou, estirou-se na cadeira, falou de S. Carlos, do circo, de outras coisas.” – p. 262

“E vinha-lhe como que uma desconsolação de tudo, uma sensação de mal-estar; bocejou enormemente, ergueu-se, foi arrastando os passos, enfastiado, até ao hotel.” – p. 272

“Artur, sossegado, deixava-os sós, saía; e se um vago ciúme o remordia na rua, tranquilizava-se ao entrar, abrindo a porta do quarto com um imprevisto intencional, encontrando-os muito longe um do outro, numa atitude indiferente, ela baloiçando-se com um bocejo pálido, ele muito veemente, ferindo os bordões da guitarra.” – p. 295

“O outro bocejou, repoltreou-se na cadeira, disse negligentemente que a sua querida tinha ficado em Sevilha.” – p. 313

“Lá, vivia, ainda que contrariado; aqui, bom Deus, bocejava!” – p. 379

“Recaiu assim num tédio passivo, morno, cheio de horas vazias; dava longos passeios ao acaso, dismantelava as maxilas em bocejos intermináveis.” – p. 380

Em *Os Maias*¹³⁵ defende-se o espaço rural como sendo o único meio de salvar um Portugal, então decadente; o bocejo aparece como tipificação de uma sociedade moribunda:

“Ao fim de um ano de distúrbios no Marrare, de façanhas nas esperas de toiros, de cavalos esfalfados, e de pateadas em S. Carlos, começaram a reaparecer as antigas crises de melancolia nervosa: voltavam esses dias taciturnos, longos como desertos, passados em casa a bocejar pelas salas, ou sob alguma árvore de quinta toda estirado de bruços, como despenhado num fundo da amargura.” – p. 21

“D. Ana, depois de bocejar de leve, retomou a sua ideia” – p. 75

“A prosa, porém, dos artigos estava como embebida do tédio moroso do gabinete: bem depressa bocejava, deixava cair o volume.” – p. 103

“E o poeta riu largamente da sua pilhéria - enquanto Cruges, ao lado, de mãos atrás das costas, e a face erguida para o terraço, bocejava desconsoladamente.” – p. 246

“Mas Carlos vinha de lá enervado, amolecido, sentindo já na alma os primeiros bocejos da sociedade.” – p. 301

“Aquela corrida insípida, sem cavalos, sem jóqueis, com meia dúzia de pessoas a bocejar em roda, dava-lhe a certeza que eram talvez as últimas, e que talvez o Jockey club rebentava.” – p. 323

“Os rapazes vinham-se deixar cair nas cadeiras, bocejando, com um ar exausto.” – p. 337

“Niniche apareceu a bocejar.” – p. 350

“Supusera um romancelzinho, desses que nascem e morrem entre um beijo e um bocejo: e agora, só pelo modo como Carlos falava daquele grande amor, ele sentia-o profundo, absorvente, eterno, e para bem ou para mal tornando-se daí por diante, e para sempre, o seu irreparável destino.” – p. 417

“Foi então subindo em pontas de pés pela coxia tapetada de vermelho, agora desafogada, quase vazia: um ar fresco

¹³⁵ Eça de Queiroz, *Os Maias – Episódios da Vida Romântica*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 5, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2004.

circulava: as senhoras cansadas, bocejavam por trás dos leques.” - p. 596

“Outros bocejavam por trás da mão, num tédio completo de «todas as nossas glórias».” - p. 605

“Bocejando, estremunhado, arrastou os passos até ao escritório de Afonso.” – p. 659

“Então Ega ficou ali um momento, com bocejos vagos, seguindo o cair lento das cartas.” - p. 659

Em *A Correspondência de Fradique Mendes*, o protagonista Fradique Mendes, tal como Carlos da Maia ou Jacinto, tem a protecção da natureza “ (...) da anemia (...) salvou-o o sopro fresco dos montados e a natural pureza dos regatos em que bebia”¹³⁶. Não deixa de ser pertinente notar que não se encontra esta personagem a bocejar, talvez por ser “uma personificação de uma elite intelectual que se opunha à chateza de um país em declínio”¹³⁷ como refere António Campos Matos, e como tal negava o próprio tédio e a sua exteriorização através do bocejo.

O binómio cidade /serras pode-se associar a planos diferentes, por um lado a cidade associa-se a um plano profano mais ligado ao inferno terrestre em que o ser humano vive regido por leis científicas e intelectuais, este plano não permite ao espírito atingir a felicidade na medida em que prende o homem na malhas da civilização. Por outro lado, as serras inserem-se num plano mais ligado ao paraíso na terra, onde o homem recupera o espírito crítico e a sua identidade, integrando-se novamente no seu lugar na realidade / natureza. A cidade, por ser ela própria uma criação artificial, não consegue preencher as necessidades naturais do ser humano, e defendendo esta ideia, Frank F Sousa diz que, por este motivo o homem “cidadino, supercivilizado e oprimido pelo materialismo, se interrog[a] sobre a

¹³⁶ Eça de Queiroz, *A Correspondência de Fradique Mendes*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 7, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 1999, pp. 15-16.

¹³⁷ António de Campos Matos, “Fradique” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 437 a 439.

condição humana e procur[a] outra solução para a sua existência”¹³⁸.

Seguindo esta linha de pensamento, Jacinto numa tentativa de salvar a sua existência, parte de Paris e sobe às serras; é também relevante realçar que existe um movimento ascensional, a simbologia da subida é tão ou mais importante, do que a valorização da natureza. Esta é realmente importante na transformação de Jacinto todavia, o que se observa, é que o binómio natureza / serras em que se sente o movimento ascensional, tem muito mais peso do que se fosse um movimento plano encontrado por exemplo, no binómio natureza / campo, onde não existiria nenhum movimento de subida. Neste ponto e citando Frank F. Sousa, observa-se que “[n]a tradição judaico-cristã, a montanha [neste caso, as serras] é vista como sendo um espaço privilegiado do contacto entre Deus e o homem (Monte Sinai) ou o local de transfiguração (monte Tabor)”¹³⁹.

Engraçado e não menos relevante, é o facto de Jacinto, uma vez instalado nas serras, recuperar uma postura mais religiosa, completamente contrária à atitude que mantinha quando estava na cidade, em que desprezava por completo toda e qualquer noção associada à religião, como podemos verificar:

“Mas na sala imensa, onde tanto filosofáramos considerando as estrelas, Jacinto arranjava um centro de repouso e de estudo (...) entre as duas janelas uma cómoda antiga, embutida, com ferragens lavradas, recebera sobre o mármore rosado o devoto peso do Presépio, onde os Reis Magos, pastores de surrões vistosos, cordeiros de esguedelhada lã, se apressavam através de alcantis para o Menino, que na sua lapinha lhes abria os braços coroado por uma enorme coroa real.”¹⁴⁰

Assim sendo, e referindo novamente Frank F. Sousa “ a

¹³⁸ Frank F. Sousa, *O segredo de Eça. Ideologia e ambiguidade em “A Cidade e as Serras”*, Lisboa, Edições Cosmos, 1996, p. 37.

¹³⁹ Frank F. Sousa, *O segredo de Eça. Ideologia e ambiguidade em “A Cidade e as Serras”*, p. 37.

¹⁴⁰ *A Cidade e as Serras*, p. 153.

solução [exterior ao próprio protagonista] para a crise existencial de Jacinto, visivelmente, encontra-se não apenas no espaço que são as serras, mas também, e sobretudo, na montanha como metáfora, e depois símbolo, de uma realidade supramaterial que transcende o sítio em si”¹⁴¹. No entanto, não vamos considerar *A Cidade e As Serras* com sendo somente, uma obra com um forte cariz ideológico; Eça, no final do romance, permite ao leitor encontrar diferentes soluções para os problemas desenvolvidos, daí pensarmos que se pode reforçar a ideia que o romance *A Cidade e As Serras* é uma obra aberta com múltiplas possibilidades de leituras.

Feitas estas breves considerações preliminares, passemos à análise de *A Cidade e As Serras*. Jacinto, personagem principal desta obra, nasce e vive em Paris, cidade cosmopolita, centro cultural europeu do final do século XIX, repleta de população, cultura e riqueza. Requentado e culto, Jacinto vive no 202 dos Campos Elísios, usufruindo de todas as comodidades que lhe oferece a cidade de Paris. Através de Zé Fernandes, narrador e amigo do protagonista, sabe-se que este herdara riqueza, um sustento que provinha da terra, “ (...) com cento e nove contos de renda em terras de sementeira, de vinhedo, de cortiça e de olival. (...) Jacinto medrou com a segurança, a rjeza, a seiva de um pinheiro das dunas.”¹⁴²

Cresceu sem doenças, protegido da “sorte ruim” por âmbar e funcho defendendo e vivendo segundo a máxima: “o homem só é superiormente feliz quando superiormente civilizado”,¹⁴³ por oposição à natureza, repleta de malefícios; refugia-se longe desse lugar hostil, na cidade que valoriza a sua superioridade como ser pensante e ser civilizado, “separa[ndo-o] do bicho”. Ser superiormente civilizado para ser

¹⁴¹ Frank F. Sousa, *O segredo de Eça. Ideologia e ambiguidade em “A Cidade e as Serras”*, p. 41.

¹⁴² Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 8, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2000, pp. 11 e 14.

¹⁴³ *A Cidade e as Serras*, p. 16.

superiormente feliz, eis a máxima que este protagonista defendia com a sua famosa equação metafísica «suma ciência x suma potência = suma felicidade»:

“E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Teramenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onnipotente, quase omnisciente, e apto portanto a recolher dentro de uma sociedade e nos limites do Progresso todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e Poder. (...) [acreditava] que a felicidade dos indivíduos, como a das nações, se realiza pelo ilimitado desenvolvimento da Mecânica e da Erudição. (...) Por uma conclusão bem natural, a ideia de Civilização para Jacinto, não se separava da imagem de Cidade, de uma enorme Cidade, com todos os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. (...) só a Cidade lhe dava a sensação, tão necessária à vida como o calor, da solidariedade humana. (...) Toda a intelectualidade, nos campos, se esteriliza, e só resta a bestialidade.”¹⁴⁴

Neste romance, Zé Fernandes não muito convencido com a exaltação dos valores da civilização, desmitifica a cidade moderna que traz decadência e que explora o indivíduo reduzindo-o à insignificância. Para se chegar a mostrar os valores das serras, era sem dúvida, necessário desacreditar todos e quaisquer valores urbanos. Assim, o papel do narrador parece ser demonstrar como a cidade e tudo o que lhe é inerente não favorece em nada o crescimento pessoal, cultural e social da personagem principal, sendo impossível atingir a plenitude, por ser uma “criação antinatural” e ser a “maior ilusão (...) perversa” que o homem já enfrentara; da cidade nasce a miséria, isola-se o indivíduo, perde-se o riso e o espírito crítico:

“ (...) na cidade, nesta criação tão antinatural, onde o solo é

¹⁴⁴ *A Cidade e as Serras*, pp. 16-19.

de pau e feltro e alcatrão, e o carvão tapa o céu, e a gente vive acamada nos prédios como o paninho nas lojas, e a claridade vem dos canos, e as mentiras se murmuram através de arames – o homem aparece como uma criatura anti-humana, sem beleza, sem força, sem liberdade, sem riso, sem sentimento, e trazendo em si um espírito que é passivo como um escravo ou impudente como um histrião... E aqui tem o belo Jacinto o que é a bela Cidade!”¹⁴⁵.

Eça adiantando-se ao século XIX, refere-se deste modo a um problema muito actual nos nossos tempos, a massificação da sociedade em que a cidade retira a individualidade e originalidade de cada indivíduo.

O narrador Zé Fernandes em diversas cenas, tendo por objectivo a defesa da tese da impossibilidade do homem viver feliz no meio urbano, caracteriza a cidade como meio onde se gera a decadência humana, com tudo a que tem direito: pobreza, infelicidade e tédio. A cidade do século XIX está longe de ser o paraíso terrestre, cresce a um ritmo acelerado, transforma-se e consequentemente transforma quem lá vive, pessoas amontoadas em poucos metros quadrados sofrem de falta de higiene, de fome e de água. Na segunda metade deste século, para melhor compreender o fenómeno citadino é necessário não só evidenciar o aumento populacional, o crescimento de habitações, como o ritmo acelerado de trabalho condicionado grandemente pela luz artificial, mas é essencial e primordial realçar que o homem na sua qualidade de ser pensante e crítico quase se extinguiu no meio citadino. O *spleen* e o tédio, sentimentos civilizados, ganham os seus lugares à medida que estas modificações de urbanização em larga escala se vão fortificando na sociedade.

Olhando mais atentamente para a personagem de Zé Fernandes, este “homem das serras” que ao longo do romance relata a trajectória existencial e evolutiva do seu amigo Jacinto, revela também informações pessoais sobre si e a sua vida. Apresenta-se então como

¹⁴⁵ *A Cidade e as Serras*, pp. 86-88.

contador de uma história em que o seu amigo Jacinto é a personagem principal, mas não deixa, no entanto, de ser também o protagonista em diversos momentos da narrativa como realça Ana Nascimento Piedade em *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras* quando diz que Zé Fernandes “além de ser o sujeito que narra ele é também, de certo modo, uma personagem principal, no sentido em que é a única que verdadeiramente contracena e dialoga com Jacinto. (...) Dá-nos preferencialmente um testemunho, imbuído de uma subjectividade sobrecarregada de matizes afectivos sobre acontecimentos que acabam também por ser vividos, ainda que alguns, indirectamente, por si próprio”¹⁴⁶.

Expulso de Coimbra por diversas zaragatas, chega a Paris para concluir os seus estudos. Apesar da chegada a esta cidade exuberante e muito civilizada, verifica-se que a personagem mantém sempre uma posição serrana, continuando a ser o “serrano daquelas serras”¹⁴⁷, da qual não se consegue desvincular, até final do romance. Ao deparar-se com todos os artifícios e artefactos que se encontram no 202 dos Campos Elísios, mostra-se deslumbrado e estupefacto perante todas as manifestações de luxo tecnológico.

Ao observar mais cuidadosamente a habitação de Jacinto, estabelece continuamente paralelismos com aspectos com os quais estava habituado no campo. Pouco depois da sua chegada à civilização, e ainda sob o choque da visita ao 202 apetrechado de utensílios tão diferente do ambiente donde provinha, Zé Fernandes recusa-se a ficar para jantar:

“ (...) Eu venho de Guiães, das serras; preciso entrar em toda esta civilização, lentamente, com cautela, senão rebento. Logo na mesma tarde a electricidade, e o conferençofone, eos espaços hipermágicos, e o feminista, e o etéreo, e a simbolia

¹⁴⁶ Ana Nascimento Piedade, *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras*, Lisboa, Instituto Camões, 2002, p. 20.

¹⁴⁷ *A Cidade e as Serras*, p. 149.

devastadora, é excessivo. (...) Mas já eu me começava a inquietar, reparando que a cada talher correspondiam seis garfos, e todos de feitios astuciosos. E mais me impressionei quando Jacinto me desvendou que um era para as ostras, outro para o peixe, outro para as carnes, outro para os legumes, outro para as frutas, outro para o queijo!”¹⁴⁸

Apesar de se inserir nestes ambientes urbanos, Zé Fernandes não se adapta a eles, claramente se vê que a personagem está muito mais à vontade no meio serrano, seu ambiente natural, por oposição a este ambiente citadino. Essa sua condição serrana é assumida pela personagem com uma ponta de ironia, assemelha-se aos animais falando do seu “focinho”, paradoxo igualmente engraçado quando se nota que Jacinto quer, no início d’ *A Cidade e As Serras*, afasta-se desse paradigma. Esta personagem / narrador, ao contrário do que defende Frank F. Sousa¹⁴⁹ que classifica que Zé Fernandes como sendo um parasita oportunista que vive aproveitando-se da riqueza e bem-estar da vida do amigo Jacinto, sem nunca se conseguir abstrair da sua natureza serrana, apesar de ter um mestre supercivilizado; evolui ao longo da narrativa, não é de todo linear como pretende este autor, na medida em que tem pensamentos contraditórios repletos de ironia que têm um papel preponderante na evolução do protagonista tal como afirma a autora de *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras*, Zé Fernandes “suscita um diálogo que não se esgota na mera troca de réplicas, mas [que] conduzirá Jacinto a um processo de transformação interior decisivo para si próprio.”¹⁵⁰ Ideia que também já tinha desenvolvido; este autor não concorda visto

É também interessante observar que, como narrador, Zé Fernandes conta na terceira pessoa a história dos antepassados de Jacinto, tal

¹⁴⁸ *A Cidade e as Serras*, pp. 31-33.

¹⁴⁹ Frank F. Sousa, *O segredo de Eça. Ideologia e ambiguidade em “A Cidade e As Serras”*, Lisboa, Edições Cosmos, 1996, p. 65.

¹⁵⁰ Ana Nascimento Piedade, *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras*, Lisboa, Instituto Camões, 2002, p. 25.

qual estivesse presente nos ditos acontecimentos, o que é materialmente impossível. Baseado na sua memória e na sua perspectiva crítica, estes relatos podem ser considerados pouco fiáveis e pouco objectivos; a credibilidade da narração, minada de ironia, depende da credibilidade que o leitor lhe quer, realmente, atribuir.

O que é que vê realmente Zé Fernandes? Um lugar de depravação, de devassidão, de degeneração: uma cidade... que massifica o indivíduo, que aliena o ser humano, que o desencaminha para bem longe da felicidade, oferecendo-lhe de bandeja, o inferno na terra. Não é de estranhar, que numa obra como esta, que se situa na fase do último Eça, o narrador mostre e denuncie os problemas da sociedade da época sem por isso propor uma solução. O romance *A Cidade e As Serras* não possui nenhum carácter didáctico, como Eça anteriormente defendera nas obras realistas e naturalistas, obras que tinham por objectivo demonstrar os erros e malefícios da civilização, para a sociedade de *fin-de-siècle* se poder corrigir e redimir. Eça, como se pode ler em *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras* “procura é desencadear uma série de interrogações cujas respostas são necessariamente deixadas em aberto, procedimento que leva uma questionação da existência que, entre outras coisas, se ajusta a esse contexto problemático de incerteza(s) que foi o finissecular”¹⁵¹. Assim sendo, neste romance não existe cariz didáctico nem ideológico, é uma obra aberta que não propõe soluções para os problemas que preocupavam Eça, através da suave ironia do narrador / personagem, apenas os mostra e os denuncia.

É altura de focar novamente a nossa atenção na personagem central do romance. Todas as comparações feitas durante toda trajectória existencial de Jacinto, se baseiam na despromoção da cidade e na valorização das serras, onde predomina a abundância, a harmonia, o belo e a

¹⁵¹ Ana Nascimento Piedade, *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras*, p.24. Os parêntesis são da autoria da autora.

felicidade do ser humano. Após ter sentido o verdadeiro sabor da decadência e do tédio citadino, Jacinto, refugia-se nas serras onde se transforma, simbolicamente é claro, e se regenera. Um resultado que só seria possível depois de ter encontrado o equilíbrio entre a cidade e as serras.

Mas vamos por partes; convém analisar com mais rigor o romance. Já foi referido que na primeira parte a cidade tem um papel principal, Zé Fernandes que assiste ao desenrolar da vida de Jacinto, confronta o leitor com vários episódios para demonstrar o carácter negativo do meio urbano. Jacinto é um adepto do progresso e um claro defensor de todo o desenvolvimento técnico, cultural e intelectual como sendo a base para ser feliz, menospreza de todo a natureza a favor dos progressos técnicos que existem para controlar esse meio natural.

As relevantes transformações de Jacinto são relatadas por Zé Fernandes, após significativos períodos de ausência por parte do narrador em relação ao protagonista.

O segundo capítulo inicia-se, justamente após anos de separação entre as duas personagens; “há sete anos”¹⁵² que Zé Fernandes estava em Guiães recebendo apenas umas modestas palavras escritas por Jacinto “por entre o tumulto da civilização”. Ao voltar a Paris, Zé Fernandes vai observar as mudanças ocorridas ao longo da sua ausência, “levemente curvado”, Jacinto transformara-se:

“ (...) o meu amigo emagrecera: e que o nariz se lhe afitara mais entre as rugas muito fundas, como as de um comediante cansado. Os anéis do seu cabelo lanígero rareavam sobre a testa, que perdera a antiga serenidade de mármore bem polido. Não frisava agora o bigode, murcho, caído em fios pensativos. (...) corcovava.”¹⁵³

De facto, Jacinto envelhecera, a sua fisionomia salienta a

¹⁵² *A Cidade e as Serras*, p. 25.

¹⁵³ *A Cidade e as Serras*, pp. 25-26.

passagem do tempo, mas a transformação mais relevante acentua-se essencialmente no espírito, perdera o entusiasmo e agilidade de outrora, refastelava-se “com um modo cansado” nas almofadas do sofá, “encolh[ia] molemente os ombros” perante a curiosidade de Zé Fernandes, bocejava languidamente com um “bocejo arrastado e vago” ao cair “pesadamente para cima do divã”¹⁵⁴.

Durante a ausência de Zé Fernandes, Jacinto decaía fisicamente e psicologicamente, entrara em depressão; uma crise que anda de mãos dadas com o excesso de civilização. A morar há vários anos no seu palácio dos Campos Elísios, Jacinto acumulara e apetrechara o 202 de máquinas modernas, organizara todos os seus artifícios inventados pela ciência, de modo a poder controlar naquele espaço, a natureza. Então atingira a felicidade? Longe disso; o progresso, em vez de contribuir para a evolução da personagem ao mesmo tempo que lhe dá conforto e regalias, prende-o entre quatro paredes. De onde vem então o verdadeiro mal, da cidade, do progresso? António Sérgio em “Notas sobre a imaginação, a fantasia e o problema psicológico-moral na obra novelística de Queirós” defende que neste romance “não está na Cidade o verdadeiro mal, nem nos progressos técnicos da civilização moderna”¹⁵⁵. Para este autor, o grande problema da personagem Jacinto não reside na cidade ou na civilização mas sim no “acumular de noções, [no] ajuntar inventos. Nesta ideia agregativista, receptivista, inerte, da cultura do espírito, e na desocupação que ela traz”¹⁵⁶. A tese defendida por António Sérgio não é outra que a do “tédio do viver ocioso”, Jacinto aborrece-se, entedia-se apesar da fartura cultural e material que o rodeia, porque sofre pesadamente do tédio que advém da não

¹⁵⁴ *A Cidade e as Serras*, p. 27.

¹⁵⁵ António Sérgio, “Notas sobre a imaginação, a fantasia, e o problema psicológico-moral na obra novelística de Queirós” in *Ensaaios VI*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1980, p. 65.

¹⁵⁶ “Notas sobre a imaginação, a fantasia, e o problema psicológico-moral na obra novelística de Queirós”, p. 67.

ocupação mental, da falta de criação intelectual e da inacção física “porque a vaidosa mania de acumular noções é uma forma mascarada da estagnação no ócio”¹⁵⁷.

Ao observar o quadro «Melancolia» de Albert Dürer, vemos isso mesmo, um anjo enfastiado e infeliz, também pela acumulação de artefactos e de sabedoria que reduz o ser a um estado de inactividade. É esta a mensagem Eça de Queiroz em “A Decadência do Riso” constantemente reitera ao longo do romance, “O Grande Civilizado” está destinado a viver triste e “ao bocejar infinito”¹⁵⁸ devido à não ocupação ou melhor dizendo “pré-ocupação” mental e física.

Retomemos o texto em questão, assim sendo e simbolicamente marcado, a natureza recusa-se a colaborar no espaço citadino do 202, por seu lado, a ciência parece ganhar força e vida própria neste palácio, e assume o controlo dos objectos mecânicos frustrando mais do que uma vez as ambições de Jacinto, como se pode ver por exemplo, no episódio do jantar, a luz eléctrica “amuo[u]”, deixando apagar “subitamente todos os lumes eléctricos”¹⁵⁹, e o elevador “inesperadamente (...) não se movia”, prendendo o peixe do grão-duque “[n]o poço escuro”¹⁶⁰. A cólera de Jacinto é “esmagadora”, todavia e apesar desses contratempos, este “Príncipe” continua a amontoar objectos numa tentativa de subjugar e de dominar a civilização.

Mas qual é o verdadeiro resultado desta mania de dominar o mundo? Jacinto sofre pesadamente da doença avassaladora do século XIX, boceja de tédio “num som cavo que era um bocejo e rugido: - uma maçada!

¹⁵⁷ “Notas sobre a imaginação, a fantasia, e o problema psicológico-moral na obra novelística de Queirós”, p. 67.

¹⁵⁸ “A Decadência do Riso” in *Notas Contemporâneas*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 13, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2000, p. 166. Neste texto, a palavra bocejo ou o acto de bocejar aparece 3 vezes.

¹⁵⁹ *A Cidade e as Serras*, p. 52.

¹⁶⁰ *A Cidade e as Serras*, p. 66.

(...) tudo falha!”¹⁶¹, sofre de pessimismo, de inação e de abulia. Observa-se então que, tal como sucede no conto “Civilização”, o domínio do progresso e de toda a dinâmica inerente exerce um poder nefasto sobre o protagonista, quanto mais Jacinto tentava mostrar a sua superioridade e dominar o progresso, mais se ia afundando no pessimismo abstraindo-se do real. Zé Fernandes observa a asfixia do amigo, relata como a superabundância material e cultural isolam e alienam por completo a personagem da realidade. A “invasão” de livros na sua biblioteca é notória, a “erudita nave” do 202 “transborda[va]” de pilhas de livros, amontoadas até ao alto, a “trepas pelas janelas” e a “invadi[r] portas”, confrontado também o narrador com a “suprema fartura do livro”¹⁶².

Jacinto, abúlico e completamente destituído de espírito crítico, vive rodeado por inúmeros volumes de livros (30 000 ou 70 000 mil exemplares¹⁶³), que poderiam ser uma janela aberta para o mundo, mas têm exactamente o papel inverso, funcionam pelo seu excesso como um bloqueio ao desenvolvimento do conhecimento crítico: “É uma seca...Não há que ler”¹⁶⁴. Segundo Annabela Rita, “os livros cristalizam informação parada, estanque, arrumada. O saber, aí, quase só ocupa lugar”¹⁶⁵, descrevendo bem “erudita nave” onde o narrador Zé Fernandes sentia “a suprema fartura do livro”¹⁶⁶.

Em relação a este assunto, Maria Lúcia Lepecki refere que “todos os conhecimentos que adquire (e note-se que o narrador só regista os de origem livresca) o fecham cada vez mais nas próprias fronteiras,

¹⁶¹ *A Cidade e as Serras*, p. 69.

¹⁶² *A Cidade e as Serras*, pp. 72-73.

¹⁶³ A referência à quantidade de volumes existentes na biblioteca, ora é de trinta mil volumes, ora é de setenta mil volumes, de qualquer modo estas cifras simbólicas apenas querem demonstrar o exagerado número de livros que Jacinto possui mas que nunca ou raramente lê.

¹⁶⁴ *A Cidade e as Serras*, p. 110.

¹⁶⁵ Annabela Rita, “Relendo Eça, De Novo, «Civilização»”, in *Vária Escrita*, nº4, Sintra, Cadernos de Estudos Arquivísticos, Históricos e Documentais, 1997, p. 84.

¹⁶⁶ *A Cidade e as Serras*, p. 73.

auxiliando-o ao mesmo tempo, no processo de auto-justificação a que não está alheia a auto-comiseração. (...) A falta de espírito crítico não lhe permite ver que, mesmo doirada, uma prisão é sempre prisão”¹⁶⁷. A inércia pessimista em que cai Jacinto, faz-lhe perder o desejo de intervir na sociedade e no mundo que o rodeia. Esta personagem fecha-se, como se simbolicamente sepultado num claustro; procura reconforto lendo “apaixonadamente, desde o «Ecclesiastes» até Schopenhauer, todos os líricos e todos os teóricos do Pessimismo”¹⁶⁸ na procura da justificação para o seu grande mal; e regozija-se por esse “mal não [ser] mesquinamente «jacíntico» – mas grandiosamente resultante de uma lei universal.”

Três dias depois do episódio do jantar, e nota-se novamente a utilização do simbólico número três, Jacinto recebe notícias da sua quinta situada no Portugal rural, em Tormes. O “velho solo serrano, tão rijo e firme rui[ra]”¹⁶⁹ devido a “grossas chuvas”, a água que parece ter poder e vida própria, transforma e modifica o local onde estão enterrados os antepassados do protagonista, fazendo Jacinto meditar sobre o sucedido... decide então recuperar o velho solar, levado pela curiosidade (à qual não estava habituado, nem habituara Zé Fernandes), “telegrafou ao Silvério que desatulhasse o vale, recolhesse as ossadas, reedificasse a igreja, e, para esta obra de piedade e reverência, gastasse o dinheiro, sem contar, como a água de um largo rio”¹⁷⁰. Interessante e bastante significativo, neste pequeno parágrafo, é o facto do dinheiro ser comparado à água, assim sendo pode-se ler nas entrelinhas, que o dinheiro é para a cidade como a água é para as serras: indispensável e essencial.

Antes da partida para Tormes, Zé Fernandes conta-nos como

¹⁶⁷ Maria Lúcia Lepecki, “O sentido de *A Cidade e As Serras*” in *Eça na Ambiguidade*, Fundão, “Jornal do fundão” Editora, 1974, p. 105.

¹⁶⁸ *A Cidade e as Serras*, p. 104.

¹⁶⁹ *A Cidade e as Serras*, p. 70.

¹⁷⁰ *A Cidade e as Serras*, p. 70.

Jacinto se enfarta ainda mais de civilização, parece atingir um ponto sem retorno, um clímax prometido desde o início do romance mas que só agora parece ser alcançado:

“(…) Eram apenas expressões saciadas; um gesto de repelir com rancor a importunidade das coisas; por vezes uma imobilidade determinada, de protesto, no fundo de um divã, donde se não desenterrava, como para um repouso que desejasse eterno; depois os *bocejos*, os ocos *bocejos* com que sublinhava cada passo, continuando por fraqueza ou por dever iniludível; e sobretudo aquele murmurar que se tornara perene e natural: «Para quê?» – «Não vale a pena!» – «Que maçada!...» (…) Era fartura! O meu Príncipe sentia abafadamente a fartura de Paris. E nada mais instrutivo e doloroso do que este supremo homem do século XIX, no meio de todos os aparelhos reforçadores dos órgãos, e de todos os fios que disciplinavam ao seu serviço as Forças Universais, e dos seus trinta mil volumes repletos do saber dos séculos – estacando, com as mãos derrotadas no fundo das algibeiras, e exprimindo, na face e na indecisão mole de um *bocejo*, o embaraço de viver.”¹⁷¹

“*Vou a Tormes!*”, gritou Jacinto, por fim o protagonista dá um passo... abandona a indecisão, nem que seja apenas por um breve instante... “decidi (...) *vou a Tormes!*”¹⁷² afirma ele aos gritos, finalmente consegue deixar de ser somente narcisista e preocupa-se, aparentemente, com o destino das ossadas do avô «Galeão». De notar também, a forma como Zé Fernandes recebe a notícia: “Para Tormes? Oh Jacinto, quem assassinaste?...”. A ideia de um Jacinto hipercivilizado, altamente enraizado na Cidade, a querer (e tem que se enfatizar o verbo querer, porque até aqui Jacinto não tinha querer próprio), sair para ir para as serras, só pode, no entender do narrador, significar algo de dramático e trágico, como por exemplo, Jacinto ter assassinado alguém. O primeiro impulso de Zé Fernandes é de dissuadir o amigo de empreender tal odisséia, apesar de ser

¹⁷¹ *A Cidade e as Serras*, pp. 80-82. Os itálicos são nossos para realçar a exteriorização do tédio e do pessimismo.

¹⁷² *A Cidade e as Serras*, p. 114.

uma bela casa, o casarão de pedra está “inabitável” sem conforto e sem civilização. Nestas circunstâncias, seria de esperar que Jacinto parasse para pensar e reflectisse; chegando à conclusão que o seu amigo Zé Fernandes estava coberto de razão e que, voltando com a palavra atrás, desistisse de partir para Tormes. Notória é, a certeza com que Jacinto enfrenta o amigo, argumenta sem dar qualquer hipótese ou oportunidade a Zé Fernandes de refutar tal decisão. “Acabou...*Alea jacta est!* E como só partimos em Abril, há tempo (...)”¹⁷³, tempo para rechear a casa de artefactos, de livros, enfim de civilização. E mais, tal decisão não é tomada de ânimo leve, Jacinto parte porque sente que é seu dever, “um absoluto dever” estar presente aquando da trasladação dos ossos do avô «Galeão». Zé Fernandes acrescenta que só em Jacinto poderia nascer tal ideia de dever, “nascer”... uma ideia em Jacinto. Como é possível nascer nesta personagem seja o que for, estando ela “morta” na cidade como argumenta Frank F. Sousa n’*O Segredo de Eça*. Pois bem, “é uma honra” como diz o narrador, Jacinto é o último de uma raça em extinção, ao reavivar as memórias dos seus antepassados. Não terá ele sido compelido pela lembrança do passado, a esta viagem como se de uma tarefa homérica se tratasse?

A preparação da viagem, estimula a mente de Jacinto, pelo menos aparentemente, Zé Fernandes documenta esse entusiasmo superficial; nesse frenesim “[Zé Fernandes] reconhece[eu] a pressa enjoada de quem bebe óleo de rícino”; mais caixotes, mais roupas, mais moveis, mais livros, tudo em prol do progresso, da civilização e do conforto de Jacinto, nas serras ásperas de Tormes. Enquanto preparava esta viagem, que se compara ao “Êxodo”, Jacinto parecia estar novamente inspirado pela cidade. A ocupação mental permitiu-lhe saborear de novo a organização da civilização, ao ponto do narrador temer que esta personagem quisesse realmente transformar as serras em cidade. Com a partida dos numerosos

¹⁷³*A Cidade e as Serras*, p. 114.

caixotes, em meados de Março, para o solar de Tormes, e acabado o frenesim do encaixotar dos diversos objectos ditos essenciais, Jacinto caíra, novamente e obviamente, em depressão, o tédio pessimista estava de volta; “de novo os seus desagradáveis bocejos atroaram o 202, e todos os sofás rangeram sob o peso do corpo que ele lhes atirava para cima, mortalmente vencido pela fatura e pelo tédio”. Para sair dessa recaída na “pasmaceira” cidadina, Zé Fernandes teve que “abandar” o amigo, relembrando o solar possivelmente já renovado.

A partida para Portugal é dramática; deixar Paris, deixar o centro do mundo, “deixar a Europa”. Mais uma vez é relevante notar que a chuva tem o seu papel na transição da civilização para as serras; a meio da viagem, pouco antes de entrar em Espanha, “uma chuva muidinha pingava”¹⁷⁴, embaciando o olhar, em primeiro a escuridão, para mais tarde atingir a luz. Jacinto nesta viagem perde as malas e o seu escudeiro Grilo, é despojado de todos os bens materiais, tal como lhe é tirado o seu valoroso criado; para entrar na “[sua] terra” com diz ironicamente Zé Fernandes, o protagonista tinha que se despir da civilização. Ao entrar em Portugal, Jacinto, numa perspectiva muito pessoal, sente-se “imundo” por não ter camisa, pente, escova ou água-de-colónia com que se arranjar; no entanto, está “imundo” não só pelo suor ou pela falta de vestimentas limpas, mas essencialmente por ser um homem hipercivilizado que vem de uma cidade cosmopolita, imunda, cinzenta e que entra num país menos industrializado, mais perto da natureza e da pureza.

Na penúria, entra neste país incivilizado, comparado por Zé Fernandes, a um “animal”. Acentua-se o facto da personagem cortar, mesmo sem ser de seu próprio desejo, relações com o mundo civilizado antes de lhe ser permitido entrar neste plano da realidade / natureza. Através da repetição enfática da carência dos objectos “sem Grilo, sem procurador, sem caseiro,

¹⁷⁴ *A Cidade e as Serras*, p. 124.

sem cavalos, sem malas”¹⁷⁵ pode começar a purificação; estão dados todos os passos preliminares para se iniciar a transformação e a regeneração do protagonista.

Horrorizado e arrepiado com toda a penúria que encontra no solar de Tormes, Jacinto parece baixar os braços, “sem resistência ante aquele brusco desaparecimento de toda a Civilização”, no entanto parece sentir-se fascinado perante a beleza que avista do poial de uma janela do solar. Inesperadamente e repentinamente, vemos esta personagem, com um desejo fulgurante de beber água “de uma fontinha rústica, meio afogada em rosas tremedeiras”¹⁷⁶. Completamente despojado, a iniciação de Jacinto pode começar; a total penúria permite-lhe começar a experimentar sensações que até aí pareciam ter desaparecido, começa a sentir um apetite voraz, um verdadeiro desejo de comer que não sentia há anos, uma “santa gula” que faz Jacinto louvar as serras e mais importante ainda, que o faz rir:

“pois é cá a comidinha dos moços da quinta! E cada pratada, que até Suas Incelências se riam... Mas agora, aqui, o sr. D. Jacinto, também vai engordar e enrijar! (...) E o meu Príncipe, na verdade, parecia saciar uma velhíssima fome e uma longa saudade da abundância, rompendo assim, a cada travessa, em louvores mais copiosos. Diante do louro frango assado no espeto e da salada que ele apetecera na horta, agora temperada com azeite da serra (...) Mas nada o entusiasmava como o vinho de Tormes, um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo.”¹⁷⁷

A personagem citadina de Jacinto vai desvanecendo-se pouco a pouco, após diversas provações, como os já citados momentos problemáticos que ocorreram no 202, como a cena da inundação, ou ainda, todos os outros episódios que serviram para desacreditar as capacidades do

¹⁷⁵ *A Cidade e as Serras*, p. 133.

¹⁷⁶ *A Cidade e as Serras*, p. 124.

¹⁷⁷ *A Cidade e as Serras*, p. 144.

progresso, como a cena do peixe encravado no elevador; mesmo fora de Paris, as peripécias continuaram, a viagem, talvez iniciática, que ocorre debaixo de uma chuva embaciadora, o desaparecimento das malas e do seu fiel escudeiro. O protagonista inicia-se na admiração e no respeito pela natureza; para recuperar as forças do espírito, em primeiro tem que se recompor fisicamente e alimentar-se generosamente com o que a terra tem de melhor, assim e a longo prazo, poderá transitar de um estádio citadino considerado de ignorante para um estádio natural associado ao conhecimento.

Há pouco referiu-se que a viagem poderia ser vista como iniciática, mas porquê? O próprio narrador fala do percurso de Jacinto tendo em conta esta componente, com o “encanto de iniciado” o protagonista observa o adormecer lento do anoitecer, o “enegrecimento dos montes, (...) os arvoredos emudecendo, (...) o rebrilho dos casais mansamente apagado, (...) o cobertor de névoa, sob que se acama e agasalha a frialdade dos vales, (...) um toque sonolento, (...) o segredado cochichar das águas e das relvas escuras – eram para ele como iniciações”¹⁷⁸. Assim sendo, e no seguimento desta ideia, pode-se dizer que existe uma morte simbólica por parte de Jacinto que após conhecer o inferno citadino chega enfim, ao paraíso terrestre. Depois desta passagem por provações e de cortar relações com o seu passado citadino, Jacinto está preparado para se transformar, se regenerar e aceder a outro plano vivencial.

¹⁷⁸ *A Cidade e as Serras*, p. 142.

Conclusão: A evolução de Jacinto e o equilíbrio encontrado

A personagem, Jacinto, aristocrata hiper-civilizado, defende a ideia que “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”¹⁷⁹ desembocando num pessimismo mórbido e num tédio sufocante resultante de um excesso de cultura, saber e da acumulação de bens materiais consequência do progresso da civilização pelo qual ele se deixa deslumbrar.

A partida de Jacinto para as serras, Tormes, permite-lhe assumir outra posição perante a letargia que era alimentada pela cidade. Transita assim, de um estado de “ignorância”, de não consciência de si próprio, não

¹⁷⁹ Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, p. 16.

pela falta de informação, mas sim pelo seu inverso, pelo seu excesso, para um estado de conhecimento associado a uma selecção de informações.

“Há mais de cinco semanas” que Jacinto chegou a Tormes e “parece que fica para a vindima”¹⁸⁰. A partir do capítulo IX, Zé Fernandes vai aperceber-se que a renovação de Jacinto, tal como diz Ana Nascimento Piedade, “reside (...) na recuperação da sua disponibilidade interior”¹⁸¹ na medida em que descobre em si o poder de “admirar a beleza na simplicidade”¹⁸². Apesar das provocações por parte de Zé Fernandes que lhe pergunta “divertido” pelas “águas carbonatadas”, pelas “fosfatadas”, “sódicas” e “esterilizadas”, Jacinto responde com desdém que “est[á] saboreando [a] delícia de [se] erguer pela manhã, e de ter só uma escova para alisar o cabelo”¹⁸³.

É visível ao longo destes capítulos finais de *A Cidade e As Serras* ver que Jacinto rejuvenesce, reconciliando-se com a vida como se de uma ressurreição se tratasse. Existe mesmo uma reviravolta em relação à teoria defendida inicialmente, como se pode observar:

“Que engenhosa besta, esse Schopenhauer! E maior besta eu, que o sorvia, e que me desolava com sinceridade! (...) o Pessimismo é excelente para os inertes, porque lhes atenua o desgraçoso delito da Inércia.”¹⁸⁴

Aos poucos observa-se que o bocejo tão frequente na parte inicial deste romance é substituído pelo riso, como se este fosse uma porta aberta para alcançar a renovação. Pode-se dizer que o riso é uma forma de terapia que permite a Jacinto libertar-se do peso do tédio.

O conhecimento em si e por si só não vale grande coisa, o que é mais

¹⁸⁰ *A Cidade e as Serras*, p. 152.

¹⁸¹ Ana Nascimento Piedade, *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras*, p. 63.

¹⁸² *A Cidade e as Serras*, p. 156.

¹⁸³ *A Cidade e as Serras*, p. 158.

¹⁸⁴ *A Cidade e as Serras*, p. 163.

importante é a sua aplicação na vida concreta de cada indivíduo; a aplicação dos saberes adquiridos é que permite o alcance da felicidade. Como se viu nos capítulos anteriores, Jacinto não abdica da civilização mas sim do excesso de civilização que lhe era nefasto e o impedia de viver feliz no 202. Frank F. Sousa confirma: “Nas serras, Jacinto esforça-se por concretizar uma utopia bem moderna: ter os benefícios da cidade, mas prescindir dos malefícios da fábrica.”¹⁸⁵

Na cidade, Jacinto boceja porque “sofre de fartura” como diz o fiel escudeiro Grilo e de excesso; sofre de náuseas visto que é escravo da opressão do enorme recheio de civilização do 202, levando mesmo o seu amigo Zé Fernandes a esta observação:

“E nada mais instrutivo e doloroso que este supremo homem do século XIX¹⁸⁶, no meio de todos os aparelhos reforçadores dos seus órgãos e de todos os fios que disciplinavam ao seu serviço as Forças Universais, e dos seus trinta mil volumes repletos do saber dos séculos – estacando, com as mãos derrotadas no fundo das algibeiras, e exprimindo, na face e na indecisão mole de um bocejo, o embaraço de viver!”¹⁸⁷

Nas serras, o tédio desaparece e dá lugar a um renascer, a um redescobrir da essência do bem-estar e da felicidade. A natureza cumpre o seu papel tendo um efeito benéfico, reconcilia Jacinto com a vida, contrariando o que parecia ser um desastre devido ao desaparecimento de civilização. Em Tormes, Jacinto aprende a ser moderado em relação à utilização da civilização, conhece o prazer de ser activo, tendo por resultado a aniquilação do tédio e a sua redenção. Observa-se o que diz Ana Nascimento Piedade em *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras* “em

¹⁸⁵ Frank F. Sousa, *O Segredo de Eça – Ideologia e ambiguidade em A Cidade e As Serras*, Lisboa, Edições Cosmos, 1996, p. 207.

¹⁸⁶ O homem do século XIX, é um homem pré-civilizado como podemos observar n’ “A Decadência do Riso” in *Notas Contemporâneas*, onde também é feita essa generalização.

¹⁸⁷ Eça de Queiroz, *A Cidade e As Serras*, pp. 83-84.

suma, torna-se imperioso tomar *conscientemente* a iniciativa de deitar fora todo o excesso (...) em *A Cidade e As Serras*, podemos constatar que o essencial da renovação do Príncipe da Grã-Ventura reside precisamente na *recuperação da sua disponibilidade interior* para, entre outras coisas, «admirar a beleza na simplicidade» (ACS)156”¹⁸⁸.

O seu estado de inércia desaparece quando encontra uma qualquer ocupação / preocupação relacionada com os afazeres resultantes da vida nas serras:

“ E depois, o que o prendia à serra era o ter nela encontrado o que na Cidade, apesar da sua sociabilidade, não encontrara nunca – dias tão cheios, tão deliciosamente ocupados, de um tão saboroso interesse que sempre penetrava neles como numa festa ou numa glória...”¹⁸⁹

De novo, sentindo “o espírito acordado”, Jacinto descobre pequenos prazeres da vida e sob o olhar de Zé Fernandes, Jacinto solta “risadas” libertadoras do sufocante peso da civilização.

Relevante é observar, como bem afirma Ana Nascimento Piedade no capítulo 13 do seu ensaio, que a dita equação metafísica que regia a vida de Jacinto resulta no oposto do que pretendia defender, ou seja, a junção da “suma ciência” e da “suma potência” não está na origem da “suma felicidade” mas sim do seu oposto, a acumulação das duas gera infelicidade ou melhor dizendo desemboca no grande mal de finissecular: o tédio.

Citando ainda esta autora “[a] viragem rumo ao equilíbrio que Jacinto acaba por conseguir realizar, sendo consequência de uma ruptura com o esquema de vida anterior, vai sendo, por sua vez, viabilizada por um progressivo processo de (auto)-crítica e de desconstrução dos valores antes

¹⁸⁸ Ana Nascimento Piedade, *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras*, p. 63. As aspas e itálicos são da autoria da autora.

¹⁸⁹ Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, pp. 176.

admitidos”¹⁹⁰.

Ao observar minuciosamente o conto “Civilização” e o romance *A Cidade e As Serras*, deparamo-nos com uma diferença essencial que transforma a interpretação final de cada um dos textos. O conto, como observa Paulo Oliveira em “Entre Portugal e A Europa”¹⁹¹, tem um final bem mais radical, o protagonista, neste texto, renega por completo a civilização, defendendo uma vida mais rústica e simples, mais perto do passado, fugindo da ilusão da supercivilização como meio para atingir a felicidade, conforme se pode observar nas citações finais do conto:

“A Chuva de Abril secara: os telhados remotos da cidade negrejavam sobre o poente de carmesim e ouro. E, através das ruas frescas, eu ia pensando que este nosso magnífico século XIX se assemelharia um dia àquele Jasmineiro abandonado, e que outros homens, com certeza mais pura do que é a Vida e a Felicidade, dariam como eu com o pé no lixo da supercivilização, e, como eu, ririam alegremente da grande ilusão que findara, inútil e coberta de ferrugem. Àquela hora, decerto, Jacinto, na varanda em Torges, sem fonógrafo e sem telefone, reentrando na simplicidade, via, sob a paz lenta da tarde, ao tremeluzir da primeira estrela, a boiada recolher entre o canto dos boiadeiros.”¹⁹²

No romance, a personagem principal, alcança a felicidade, não pela rejeição total do progresso mas sim através do equilíbrio encontrado entre a evolução e progresso que advém das grandes cidades europeias e o tradicional passado português.

Em *Le Champ du Signe dans le Roman*, Lucette Petit afirma que : “Dans *A Cidade e As Serras*, Eça a pu choisir une voie d’abdication de tout romantisme et de renoncement au pessimisme. Tous les héros de Eça ont été victimes de l’illusion qu’est toute vie : seul Jacinto a trouvé à temps la voie

¹⁹⁰ Ana Nascimento Piedade, *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras*, pp. 71-72.

¹⁹¹ Paulo Oliveira, “Entre Portugal e a Europa: «Civilização» e o Saudosismo” in *150 Anos com Eça de Queirós – III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses /Universidade de São Paulo, 1997, p. 681.

¹⁹² “Civilização”, pp. 92-93.

d'un exil, rédempteur sur la terre de ses ancêtres. (...) Après avoir exorcisé le démon de ses origines refusées, le héros racheté peut entrer en scène. Mais lui aussi a vécu les tribulations, l'hésitation, le désespoir. (...) Seul Jacinto trouve le rachat sur la terre de ses ancêtres, dans l'isolement de ses montagnes, mais il reste l'exception qui confirme la règle”¹⁹³.

O que importa valorizar é o equilíbrio que o protagonista atingiu, “este sábio equilíbrio se salienta como a finalidade fundamental que, sendo também uma espécie de condição de possibilidade de tudo o resto, contribui decisivamente para o reencontro de Jacinto consigo mesmo”¹⁹⁴. É o que acentua essencialmente o narrador Zé Fernandes, que “então compreend[eu]”, tal como todos nós leitores que, “verdadeiramente, na alma de Jacinto se estabelecera o equilíbrio da vida, e com ele a Grã-Ventura”¹⁹⁵.

¹⁹³ Lucette Petit, *Le Champ du Signe dans le Roman Queirozien*, Paris, FCG, Centre Culturel Portugais, 1987, pp. 431-437.

¹⁹⁴ Ana Nascimento Piedade, *Ironia e Socratismo em A Cidade e As Serras*, p. 79.

¹⁹⁵ *A Cidade e As Serras*, p. 230.

Apêndice

A listagem que se segue resulta de um levantamento exaustivo noutras obras de Eça de Queiroz, para além das utilizadas directamente no corpo do trabalho, que por curiosidade ou por prazer da leitura também foram exploradas à procura do bocejo ou do acto de bocejar.

*A Ilustre Casa de Ramires*¹⁹⁶

“Bocejando apertando os cordões das largas pantalonas de seda que lhe escorregavam da cinta, Gonçalo, que durante todo o dia preguiçara, estirado no divã de damasco azul, com

¹⁹⁶ Eça de Queiroz, *A Ilustre Casa de Ramires*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 6, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2003.

uma vaga dor nos rins, atravessou languidamente o quarto para espreitar, no corredor, o antigo relógio de xarão.” - p. 24

“Então «Titó», que bocejava, interveio, já farto” - p. 39

“Mas Gonçalo bocejava, adia, na insuperável preguiça de afrontar a maledicência rabugenta do velho Gramilde, ou a solenidade forense do Dr. Alexandrino.” - p. 207

***Um Dia de Chuva*¹⁹⁷**

“José Ernesto, então, voltou ao seu quarto. Como ia escurecendo accendeu a vela e começou a passear, bocejando, n’uma indecisão que o tomara de repente sobre a sua volta a Lisboa.” – p. 121

“Além d’isso, a idéa da volta a Lisboa, tão rápida, já o enfastiava, antevendo a Avenida cheia de pó, o Club á noite, com os rapazes a bocejar pelas poltronas (...)” – p. 122

“E elle mesmo arranhou a vela de José Ernesto, que acompanhou, ainda estremunhado e bocejando, até á porta do quarto.” – p. 131

***A Decadência do riso*¹⁹⁸**

“A Meia Idade, a idade em que o homem mais bocejou (a um ponto que, na devota Bretanha, havia orações contra o bocejo.” – p. 162

“O infeliz está votado ao bocejar infinito. E tem por única consolação que os jornais lhe chamem e que ele se chame a si próprio – o *Grande Civilizado*.” – p. 167

***O Mandarim*¹⁹⁹**

“Mas logo uma grande saciedade me foi invadido a alma; e, sentindo o mundo aos meus pés – bocejei como um leão farto.” – p. 23

“(…) e passei essa primeira noite de riqueza bocejando sobre o leito solitário – enquanto fora o alegre Couceiro, o mesquinho tenente de quinze mil réis de soldo, ria com a D. Augusta, repenicando à viola o Fado da Cotovia.” – p. 24

¹⁹⁷ Eça de Queiroz, “Um Dia de Chuva” in *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1929, pp. 93-139.

¹⁹⁸ Eça de Queiroz, “A Decadência do Riso” in *Notas Contemporâneas*, fixação de texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 13, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2000, pp. 162-167.

¹⁹⁹ Eça de Queiroz, *O Mandarim*, s.l., Círculo de Leitores, 1993.

“De tarde ia dar uma volta a pé, até ao Pote das Almas: era a hora mais pesada do dia: encostada à bengala, arrastando as pernas moles, abria bocejos de fera saciada – e a turbe abjecta parava a contemplar, em êxtases, o nababo enfasiado.” – p. 30

“E enquanto Sá-Tó, sentado num vão de ameia, bocejava, num desafogo de cicerone enfasiado, eu fumando contemplei muito tempo aos meus pés a vasta Pequim.” – p. 51

“Como vinha cansado, bem cedo comecei a bocejar, e estirei-me sobre o estrado de tijolo aquecido que serve de leito nas estalagens da China; enrolado na minha peliça, fiz o sinal da cruz, e adormecido pensando nos braços brancos da generala, nos seus olhos verdes de sereia.” – p. 62

*A Relíquia*²⁰⁰

“Em cima, numa sala aconchegada, com a mesa cheia de talheres, fumegavam terrinas; os passageiros arrepiados, bocejavam, tirando as luvas grossas de lã; e eu comia o meu caldo de galinha, estremunhado e sem vontade (...).” – p. 15

“Estendia-me a mãozinha desamorável, bocejava, colhia preguiçosamente a viola; enquanto eu, a um canto, chapando cigarros mudos, esperava que se abrisse a portinha envidraçada da alcova que dava para o Céu.” – p. 47

“Suspirei, amoroso e moído; e abria os lençóis bocejando – quando distintamente, através do tabique fino, senti um ruído da água despejada numa banheira.” – p. 99

“Eu, cansado, bocejava.” – p. 156

“Topsins, no seu catre, em camisola e com o lento amarrado na testa, bocejava, pondo os óculos de ouro no bico.” – p. 211

“Eu bocejei formidavelmente e rosnei: «Tem seu chique».” – p. 213

“E assim, rosnando e bocejando, atravessei a terra dos prodígios.” – p. 213

“Na minha alma só restavam cinzas – e diante das ruínas do monte Ebal, ou sob os pomares que perfumam Siquém, a levítica, recomeçava a bocejar.” – p. 214

“Bocejando, rosnei: -Vistazinha catita.” – p. 215

*A Tragédia da Rua das Flores*²⁰¹

²⁰⁰ Eça de Queiroz, *A Relíquia*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 4, Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, 2002.

²⁰¹ Eça de Queiroz, *A Tragédia da Rua das Flores*, s.l., Círculo de Leitores, 1993.

“Um rumor ergueu-se (...) **bocejos** leves; uma vaga aplicação de binóculos, aqui e além” – p. 10

“Ela, no entanto, fora sentar-se ao fundo do camarote, falando a espaços com a inglesa, numa atitude fatigada, com pequenos **bocejos** que uma mãozinha comprimia (...)” – p. 11

“Madame de Molineux **bocejou** de leve.” – p. 20

“Quando entraram no Malta, o criado veio **bocejando** abrir na sala o bico de gás (...)” – p. 21

“Vítor aproximava-se da janela **bocejando**.” – p. 25

“E o aspecto das coisas, em redor, dava-lhe uma melancolia cheia de **bocejos** (...)” – p. 59

“E Genoveva **bocejava**.” – p. 60

“O último presente que ele lhe tinha dado, na véspera, era uma velha conta de Lafferssein, de três mil francos, que ele metera na carteira, tomando, ao outro dia, silenciosamente uma letra sobre Marcenard et André, os banqueiros de Madame Lafayette, a sessenta dias do vale, com cem francos para o desconto; e ficara atônito, quando Genoveva os metia negligentemente dentro de um envelope, dizendo a Melanie, com um **bocejo**: - Deita no correio.” – p. 62

“Falaria a Dâmaso, **bocejando** com tédio, e, se ele o fitasse ou tivesse um movimento atrevido, cortava-lhe a cara às bengaladas.” – p. 137

“Madame de Molineux disse então, recostando-se e **bocejando** vagamente: - Ah! Muito bonita, a Aninhas.” – p. 165

“O tio Timóteo **bocejou**, como um leão enfasiado.” – p. 205

“Vítor folheava um livro que estava sobre a mesa e, ouvindo Dâmaso repetir com ruído um **bocejo**, disse: - São horas.” – p. 214

“ (...) começara a **bocejar**, a dar-lhe uma sonolência triste; agarrara o chapéu, corria à Rua das Flores; encontrava-a vestindo-se, ou lendo, e fumando cigarros Laferme.” – p. 323

“Espreguiçou-se, **bocejou** e, passando a mão pelo rosto, ia erguer-se, quando a porta do quarto se abriu e o tio Timóteo apareceu.” – p. 343

“Depois de um momento, Genoveva **bocejou**, declarou que se aborrecia; ficou logo satisfeita, vendo noutro camarote Madame Gordon, a amante do velho barão, com uma pessoa de idade, vestida de preto, como uma viúva e lúgubre.” – p. 352

Bibliografia

I. Activa

Eça de Queiroz

- A Cidade e as Serras*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 8, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2000.
- “Civilização” in *Contos*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 9, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, s. d.
- A Correspondência de Fradique Mendes*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 7, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 1999.
- “A Decadência do Riso” in *Notas Contemporâneas*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 13, Lisboa, edição “Livros do Brasil”,

- 2000, pp. 162-167.
- “Um Dia de Chuva” in *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1929, pp. 93 a 139.
- As Farpas - Crónica mensal da política, das letras e dos costumes*, coord. por Maria Filomena Mónica, Cascais, Principia - Publicações Universitárias e Científicas, 2004.
- “Idealismo e Realismo” in *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1929, pp. 175-201.
- A Ilustre Casa de Ramires*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 6, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2003.
- Os Maias. Episódios da Vida Romântica*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 5, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2004.
- “A Perfeição” in *Contos*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 9, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, s. d.
- “Prefácio das Aquarelas de João Dinis” in *Notas Contemporâneas*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 13, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2000, pp. 123-129.
- “Prefácio dos Azulejos do Conde Arnoso” in *Notas Contemporâneas*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 13, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2000, pp. 95-113.
- “Prefácio do «Brasileiro Soares» de Luís de Magalhães” in *Notas Contemporâneas*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 13, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2000, pp. 114-122.
- “Positivismo e Idealismo” in *Notas Contemporâneas*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, vol. 13, Lisboa, edição “Livros do Brasil”, 2000, pp. 185-196.
- “Os Vencidos da Vida” in *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1929, pp. 202-206.

II. Estudos Críticos

1. Sobre Eça de Queiroz

- AAVV, *Actas do 1º Encontro Internacional de Queirozianos*, Porto, Edições Asa, 1988.
- AAVV, *Vária Escrita*, nº4, Sintra, Cadernos de Estudos Arquivísticos,

- Históricos e Documentais, 1997.
- BATISTA, Abel Barros, (org.), *A Cidade e As Serras – Uma Revisão*, Coimbra, Angelus Novus Editora, 2001.
- CAL, Ernesto Guerra da, *Bibliografia Queirociana Sistemática y anotada e Iconografia del Hombre y la Obra*, 6 vols., Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975-1984.
- _____, *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, 4º ed., Coimbra, Almedina, 1981.
- _____, “Questão Coimbrã” in *Dicionário de Literatura*, organização de Jacinto Prado coelho, 3ª edição, 3º volume, Porto, Figueirinhas, 1984, pp. 896.
- CALHEIROS, Pedro, “A Cidade e as Serras e o *A Rebours de Huymans*” in *Suplemento Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, pp. 97 -101.
- CÂNDIDO, António, “Eça de Queiroz entre o Campo e a Cidade” in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa / Rio, Edições dois Mundos, 1945, pp. 137-155.
- CASTELO BRANCO, Fernando, “A Tese do «Tédio do Ócio» de António Sérgio” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 895-898.
- _____, “Franciscanismo de *A Cidade e As Serras*” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 443 a 446.
- CIDADE, Hernani, “Eça de Queiroz e a Cultura do seu Tempo” in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa / Rio, Edições dois Mundos, 1945, pp. 419-438.
- COELHO, Jacinto Prado, “A Tese de A Cidade e As Serras” in *A Letra e o Leitor*, 2ª ed., Lisboa, Moraes Editores, 1977, pp.169-174.
- _____, “Eça, escritor ambíguo?” in *Ao Contrário de Penélope*, s.l., Bertrand Editora, 1976, pp. 189-193.
- COELHO, João Furtado, “A Cidade e as Serras: a colina primordial” in *Suplemento Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, pp. 93-97.
- CORTESÃO, Jaime, *Eça de Queiroz e a Questão social*, Lisboa, Portugália Editora, 1970.
- FIORIN, José Luiz, “O Espaço Discursivo em *A Cidade e As Serras*” in *150 Anos com Eça de Queirós – III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses /Universidade de São Paulo, 1997, pp. 278-284.
- FONSECA, Gondin da, *Eça de Queiroz, uma biografia pioneira*, s.l., Editora Bonsoi, 1970.
- GONÇALVES, Henriqueta Maria, *Tormes: uma utopia rural – Antologia da região de Tormes*, introdução, organização e selecção, s. l, s. d.
- _____, “A Crónica e o Romance pós1888: Interacções” in *150 Anos com Eça de Queirós – III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses /Universidade de São Paulo, 1997, pp.

- 228-237.
- GROSSEGESSE, Orlando, “Dandismo” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 252-253.
- _____, “Sobre a «Re-Carnavalização» em *A Cidade e As Serras*”, in *Queirosiana*, nº 1, s.l., Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração, 1991, pp. 55-67.
- IBÁÑEZ, Roberto, “La Ciudad y las Sierras”, in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa / Rio, Edições dois Mundos, 1945, pp. 303-363.
- LEPECKI, Maria Lúcia, “O sentido de *A Cidade e As Serras*” in *Eça na Ambiguidade*, Fundão, “Jornal do fundão” Editora, 1974, pp. 79-147.
- LONTRA, Hilda, “Eça e o seu tempo: ele e o nosso tempo” in *150 Anos com Eça de Queirós – III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses /Universidade de São Paulo, 1997, pp. 553-563.
- LOPES, Fernando A. De Matos Pereira, “A propósito das teses sobre *A Cidade e as Serras*: será esta obra de Eça um ‘romance de tese’?”, in *Projecto Verbal*, A maior base de dados sobre Literatura Portuguesa, secção Eça de Queirós, <http://www.ipn.pt>, pp. 1-23.
- LOURENÇO, Eduardo, “ O tempo de Eça e Eça e o tempo” in *150 Anos com Eça de Queirós – III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses /Universidade de São Paulo, 1997, pp. 707-714.
- MACHADO, Álvaro Manuel, “Geração de 70” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 471-476.
- _____, “Eça e o Decadentismo: uma estética da ambiguidade” in *150 Anos com Eça de Queirós – III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses /Universidade de São Paulo, 1997, pp. 45 a 51.
- MATOS, Sérgio de Campos, “Decadência” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp.254 a 261.
- MATOS, A. Campos, “Jacinto” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 533-535.
- _____, “Fradique” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 437-439.
- _____, “*A Cidade e as Serras*” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 200-202.
- _____, “*A Ilustre Casa de Ramires*” ” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 508-510.
- MARTINS, António Coimbra, *Ensaio Queirosianos*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1967.
- MINÉ, Elza e CANIATO, Benilde, (org.), *150 Anos com Eça de Queirós – III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses /Universidade de São Paulo, 1997.

- MONTEIRO, Adolfo Casais, “Valores permanentes e variáveis nos romances de Eça de Queirós” in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa / Rio, Edições dois Mundos, 1945, pp. 527-534.
- OLIVEIRA, Lopes D’, *Eça de Queiroz, A Sua Vida e A Sua Obra*, Lisboa, Grandes Vultos da História e da Humanidade, Edições Excelsior, s.d.
- OLIVEIRA, Paulo da Motta de, “Entre Portugal e a Europa: «Civilização» e o Saudosismo” in *150 Anos com Eça de Queirós – III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses /Universidade de São Paulo, 1997, pp. 679-684.
- PAGEAUX, Daniel-Henri, “Eça de Queiroz Fim de Século” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 314-319.
- PAILLER, Jean, “A Cidade e as Serras. Proust e Eça” in *Suplemento Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, pp. 101-105.
- PINA, Álvaro Luís Antunes, “Eça de Queiroz e o romance como poema dramático: *A Cidade e As Serras*” in *Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos*, Porto, Edições Asa, 1988, pp. 215-220.
- PIRES DE LIMA, Isabel, “Fradique e o Dandismo” in *Suplemento Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, pp. 305-310.
- _____, “O dandismo de Fradique ou o exercício impossível de um heroísmo decadente”, in *Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos*, Porto, Edições Asa, 1988, pp. 101-107.
- PEREIRA, Lúcia Miguel, “Eça de Queirós visto através das suas cartas” in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa / Rio, Edições dois Mundos, 1945, pp. 263-282.
- PEREIRA, Maria Eduarda Vassalo, “Condições de Ficção Literária: A Propósito de «José Matias» e «A Perfeição»”, in *150 anos com Eça de Queiroz – III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses/Universidade de São Paulo, 1997, pp. 361-373.
- PETIT, Lucette, *Le champ du signe dans le roman queirosien*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1987.
- PIEDADE, Ana Nascimento, *Ironia e Socratismo em A Cidade e as Serras*, Lisboa, Instituto Camões, 2002.
- _____, *Fradiquismo e Modernidade no Último Eça – 1888 /1900*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- PIWNICK, Marie-Hélène, “(A) Cidade e as Serras, libelo contra o símbolo-decadentismo” in *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 200-207.
- _____, “Gonçalo Ramires: História de uma Degeneração” in *Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos*, Porto, Edições Asa, 1988, pp. 221-226.
- QUEIROZ, (filho) José Maria d’Eça de, “Prefácio” in *Cartas Inéditas de*

- Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1929, pp. VII - XLVII.
- In Memoriam de Eça de Queiroz*, organizado por Eloy do Amaral e M. Cardoso Martha, 2ª ed., Coimbra, Atlântida, 1947.
- REIS, Carlos, (org.), *Congresso de Estudos Queirosianos – IV Encontro Internacional de Queirosianos – Actas*, Volume I e II, Coimbra, Almedina, 2000.
- RITA, Annabela, “Relendo Eça, De novo, «Civilização»”, *Vária Escrita*, nº4, Sintra, Cadernos de Estudos Arquivísticos, Históricos e Documentais, 1997, pp. 83-89.
- SANTANA, Maria Helena, “A França da 3ª Republica vista por Eça de Queirós”, in *Queirosiana*, nº 1, s.l., Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração, 1991, pp. 41-53.
- SANT’ANA DIONÍSIO, “Um paralogismo do romancista, Fradique e Jacinto” in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa / Rio, Edições dois Mundos, 1945, pp. 547-553.
- SARAIVA, António José, *As Ideias de Eça de Queiroz*, Lisboa, Centro Bibliográfico, 1946.
- _____, *A Tertúlia Ocidental: Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*, Lisboa, Gradiva, 1990.
- SÉRGIO, António, “Notas sobre a imaginação, a fantasia e o problema psicológico-moral na obra novelística de Queiroz”, in *Ensaio VI*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1980.
- SIMÕES, João Gaspar, *Vida e Obra de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Livraria Bertrand, 1973.
- SOUSA, Frank F., *O segredo de Eça. Ideologia e ambiguidade em “A Cidade e as Serras”*, Lisboa, Edições Cosmos, 1996.
- _____, “Zé Fernandes, personagem e narrador em *A Cidade e As Serras* de Eça de Queirós”, in *Queirosiana*, nº 4, s.l., Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração, 1993, pp. 13-42.
- _____, “Nem «Génio» nem «Santo»: do Antero de Quental de «Um Génio que era um Santo» ao Jacinto de «A Cidade e As Serras»” in *Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos*, Porto, Edições Asa, 1988, pp. 351-364.
- _____, “O conto «Um Dia de Chuva»: primeiro esboço de *A Cidade e As Serras*”, in *Queirosiana*, nº 5/6, s.l., Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração, 1993/4, pp. 81-99.
- THIMOTEO, Natália, “Fradique Mendes e o ideário da «Geração de 70»”, in *Congresso de Estudos Queirosianos – IV Encontro Internacional de Queirosianos – Actas*, II Vol., Coimbra, Almedina, 2000, pp. 831-839.
- TRIGUEIROS, Luís Forjaz, “Eça de Queiroz, satírico ou irónico?”, in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa / Rio, Edições dois Mundos, 1945, pp. 555-573.

2. Sobre a História das Ideias e Teoria da Literatura

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de, *Teoria Da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina, 1988.
- Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa / São Paulo, Verbo, s. d.
- CHEVALIER, Jean et Gheerbrant, Alain (sous la direction de), *Dictionnaire des Symboles - mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*, France, Robert Laffont, 1969.
- COELHO, Jacinto Prado, *Dicionário de Literatura – Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega, Estilística Literária*, 3º ed., 5 vols., Porto, Figueirinhas, 1981.
- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, *Dicionário da língua Portuguesa Contemporânea*, I vol., Lisboa, Verbo, 2001.
- Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa / São Paulo, Verbo, s. d.
- LOPES, Óscar e António José Saraiva, *História da Literatura Portuguesa*, 16º ed., Porto, Porto Editora, s. d.
- _____, *História Ilustrada da Grandes Literaturas VIII - Literatura Portuguesa*, 1º vol., Lisboa, Editorial Estúdios Cor, s.d.
- MATOS, Campos, (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1993.
- _____, (org. e coord.), *Suplemento Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 2000.
- Polis – Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*, Lisboa / São Paulo, Verbo, s. d.
- RIBEIRO, Maria Aparecida, (org.), *História Crítica da Literatura Portuguesa – Realismo e Naturalismo*, vol. VI, Lisboa, Editorial Verbo, 1994.
- REIS, Carlos, *Literatura Portuguesa Moderna contemporânea*, coordenado por, Lisboa, Universidade Aberta, s. d.
- _____, *O Conhecimento da Literatura*, 2ªed., Coimbra, Almedina, 2001.

III. Outras obras consultadas

- BAUDELAIRE, Charles, *As Flores do Mal*, ed. Bilingue, tradução, prefácio, cronologia e notas de Fernando Pinto do Amaral, Lisboa, Assírio & Alvim, 1993.

- CUNHA, Norberto Ferreira de, “A Génese da Renascença Portuguesa perante a Crise Política e Moral da I República”, in *Crises em Portugal nos Séculos XIX e XX*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, Colecção Coloquia, 2002, pp. 151-178.
- MACHADO PIRES, António M. Bettencourt, *A Ideia de Decadência na Geração de 70*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1980.
- MALPIQUE, Cruz, *Psicologia do tédio – Ensaio*, Porto, Livraria Ofir, 1963.
- MARTINS, Oliveira, “Pessimismo”, in *Obras Completas – O Repórter*, Lisboa, 1957.
- MENDES, Maria Paula Cannas, *Contribuição para o motivo do tédio nas obras de Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1955.
- MATOS, Campos, “A Crise do Final de Oitocentos em Portugal: Uma Revisão”, in *Crises em Portugal nos Séculos XIX e XX*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, Colecção Coloquia, 2002, pp. 99-115.
- REIS, Carlos, *As Conferências do Casino*, Lisboa, Publicações Alfa, Testemunhos Contemporâneos, 1990.
- SERRÃO, Joel, *Temas Oitocentistas – para a história de Portugal no século passado*, vol. I e II, Lisboa, Livros Horizonte, 1980.
- VIÇOSO, Vítor, “A Literatura Portuguesa (1890/1910) e a Crise Finissecular” in *Crises em Portugal nos Séculos XIX e XX*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, Colecção Coloquia, 2002, pp. 117-149.